

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – *CAMPUS* DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

FERNANDA RUIZ FRANCISCO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UM
RECURSO DIDÁTICO.**

**BAURU
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

FERNANDA RUIZ FRANCISCO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UM
RECURSO DIDÁTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Educação da Faculdade
de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos
requisitos para obtenção do título de graduação
em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra.
Ana Carolina Biscalquini Talamoni.

**BAURU
2015**

Francisco, Fernanda Ruiz
A contação de histórias no Ensino de
Ciências: um recurso didático / Fernanda Ruiz
Francisco, 2015
75 f. : il.

Orientador: Ana Carolina Biscalquini Talamoni

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015

1. Contação de histórias. 2. Recurso
didático. 3. Ensino de Ciências nos anos iniciais
do Ensino Fundamental. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

FERNANDA RUIZ FRANCISCO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UM
RECURSO DIDÁTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra Ana Carolina Biscalquini Talamoni.

Banca examinadora:

Profa. Dra Ana Carolina Biscalquini Talamoni – orientadora
Faculdade de Ciências – UNESP – São Vicente

Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

Prof. Ma. Raquel Sanzovo Pires de Campos
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

BAURU
2015

... A minha avó Dalva que foi e sempre será meu exemplo de superação e força, e sem ela não seria possível o término de mais essa etapa.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual Paulista, seus professores, funcionários e colegas, pelas inúmeras oportunidades de formação oferecidas.

Aos docentes da escola estudada que participaram deste trabalho pela disponibilidade e disposição em colaborar com o levantamento de dados, contribuindo para esta pesquisa.

Às professoras Maria do Carmo Monteiro Kobayashi e Raquel Sanzovo Pires de Campos, membros da banca de apresentação deste Trabalho de Conclusão de Curso pela leitura e enriquecimento deste trabalho.

À professora doutora Ana Carolina Biscalquini Talamoni pela constante e rica colaboração e, principalmente, pela confiança em mim depositada.

A minha família, meu namorado, e aos amigos, em especial a Aline Domingues, Fernanda Caló e Priscyla Ramos, pelo apoio e acompanhamento durante esta trajetória.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade analisar a contribuição da contação de histórias como recurso didático no Ensino de Ciências. As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. A pesquisa aqui relatada possibilitou apresentar novas formas de trabalhar os conteúdos do Ensino de Ciências, utilizando as histórias como recursos de interação entre conteúdos e afetividade. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho foi observar a contação de histórias enquanto recurso para o Ensino de Ciências, bem como identificar, analisar e ponderar quais os significados atribuídos pelos professores para esta técnica, sua frequência de uso e dificuldades encontradas para realização da atividade. Por meio de pesquisa qualitativa, este estudo levantou dados através de entrevistas e observações da prática em sala de aula pelos respectivos docentes de uma escola municipal da cidade de Pederneiras – SP. Concluímos que as atividades desenvolvidas na sala de aula, com as crianças propiciaram a elas uma interação com o conteúdo científico de forma lúdica e prazerosa, desempenhando um importante papel na formação de um indivíduo crítico e criativo.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Recurso didático. Formação Inicial. Ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the contribution of storytelling as a didactic resource in science education. The stories represents effective indicators to challenging situations as well as strengthen social, educational and emotional bonds. The research reported here allowed to present new ways to work the contents of Science Education, using the stories as interaction capabilities between content and affection. Keeping this in view, this work objectives was to observe the story telling as a resource for Science Education as well as identifying, analyze and to ponder which meanings assigned by teachers to this technique, their frequency of use and difficulties encountered in carrying out the activity. By the means of qualitative research, this study collected through interviews and by observations of practice in the classroom by their teachers from a municipal school in Pederneiras - SP. We concluded that the activities in the classroom, with the children propitiated them an interaction with the scientific content in a playful and pleasurable way, playing an important role in the formation of a critical and creative individual.

Key-words: Storytelling. Teaching resource. Initial Training. Science Teaching in initial grades of elementary school.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Capa do Livro “HISTÓRIA DE DENTINHO”	33
FIGURA 2 – Página do Livro “HISTÓRIA DE DENTINHO”	33
FIGURA 3 – Capa do Livro “Verdura? Não!”	35
FIGURA 4 – Página do Livro “Verdura? Não!”	36
FIGURA 5 – Página do Livro “Verdura? Não!”	37
FIGURA 6 – Capa do Livro “Na minha escola todo mundo é igual”	39
FIGURA 7 – Página do Livro “Na minha escola todo mundo é igual”	40
FIGURA 8 – Página do Livro “Na minha escola todo mundo é igual”	41
FIGURA 9 – Desenhos feitos pelos alunos	42
FIGURA 10 – Desenhos feitos pelos alunos	42
FIGURA 11 – Desenhos feitos pelos alunos	43
FIGURA 12 – Desenhos feitos pelos alunos	43
FIGURA 13 – Desenhos feitos pelos alunos	44
FIGURA 14 – Desenhos feitos pelos alunos	45
FIGURA 15 – Desenhos feitos pelos alunos	45
FIGURA 16 – Desenhos feitos pelos alunos	46
FIGURA 17 – Capa do Livro “Estou em forma?”	47
FIGURA 18 – Página do Livro “Estou em forma?”	48
FIGURA 19 – Página do Livro “Estou em forma?”	49
FIGURA 20 – Página do Livro “Estou em forma?”	50
FIGURA 21 – Página do Livro “Estou em forma?”	50
FIGURA 22 – Página do Livro “Estou em forma?”	51
FIGURA 23 – Capa do Livro “Por que devo me lavar?”	52
FIGURA 24 – Página do Livro “Por que devo me lavar?”	52
FIGURA 25 – Página do Livro “Por que devo me lavar?”	53
FIGURA 26 – Página do Livro “Por que devo me lavar?”	54
FIGURA 27 – Página do Livro “Por que devo me lavar?”	54

LISTAS DE QUADROS

QUADRO 1 – Respostas das docentes referentes à questão 01 da entrevista inicial	67
QUADRO 2 – Respostas das docentes referentes à questão 02 da entrevista inicial	68
QUADRO 3 – Respostas das docentes referentes à questão 03 da entrevista inicial	69
QUADRO 4 – Respostas das docentes referentes à questão 04 da entrevista inicial	70
QUADRO 5 – Respostas das docentes referentes à questão 01 da entrevista final	71
QUADRO 6 – Respostas das docentes referentes à questão 02 da entrevista final	73
QUADRO 7 – Respostas das docentes referentes à questão 03 da entrevista final	74
QUADRO 8 – Respostas das docentes referentes à questão 04 da entrevista final	75

LISTAS DE ABREVIATURAS

ATPL	Atividades de Trabalho Pedagógico Livre
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
PADCT	Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
SBEEnBio	Associação Brasileira de Ensino de Biologia
SPEC	SubPrograma Educação para Ciência
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	15
2.1 Contação de histórias no Ensino de Ciências.....	19
3 METODOLOGIA	26
3.1 Objetivos da Pesquisa	26
3.2 Descrição Geral da Pesquisa	26
3.3 Procedimentos de Coleta de Dados	27
4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1 Resultados das entrevistas.....	30
4.2 Resultados das observações.....	32
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE	66
ANEXOS	67

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente o ato de contar histórias era realizado nas escolas com o intuito de entreter, interar e distrair as crianças. Atualmente a figura do contador de histórias tem grande importância, pois o contar histórias vem sendo cada vez mais utilizado como estratégia no desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Infelizmente, nem sempre a contação de histórias é uma prática comum nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois enquanto estratégia pedagógica, não possibilita métodos avaliativos precisos, sobretudo no que se refere às crianças em processo de alfabetização. Algumas escolas acabam desprezando a leitura e a interpretação de textos, enquanto recurso que pode ser utilizado para o ensino de conteúdos, que não se restrinjam à língua portuguesa, como por exemplo, o ensino de ciências.

O objetivo inicial da contação deve ser propiciar o gosto pela leitura e formação destes leitores, “Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece” (VILLARDI, 1997, p. 2).

Vários estudos apontam que a contação de histórias, quando aliado à prática pedagógica, auxilia os professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no processo de ensino e aprendizagem, estimulando a criatividade e imaginação, desenvolvendo as linguagens oral, escrita e visual, além de incentivar o prazer pela leitura colaborando também para a formação da personalidade da criança.

Ressaltamos neste trabalho a importância dos alunos já nos primeiros anos do Ensino Fundamental ter contato com os conhecimentos científicos, o que pode ser feito com o auxílio da contação de histórias, pois é neste período que estarão aptos a construir repertórios de imagens, fatos e noções, essenciais para o estabelecimento dos conceitos científicos, o que se configurará nos terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997).

Para Zimmermann e Evangelista (2007), que se apoiam nos estudos de Villani e Freitas (1998), na ausência dos conteúdos de Ciências Naturais deve ser:

[...] proporcionado um ambiente em que eles sintam necessidade de aprender, questionando e contestando não somente suas concepções, mas também seus valores pessoais e, assim, sintam vontade de aprender, de explorar e de testar seus modos de pensamento, ideias e perspectivas (ZIMMERMANN; EVANGELISTA, 2007, p. 263).

Nos anos iniciais, o ensino de Ciências se daria como ‘experiência compartilhada’, onde o professor auxilia no caminho científico, no registro e na sistematização da experiência vivida (LIMA, MAUÉS, 2006).

Acreditamos que a formação inicial é um momento fundamental para esta compreensão. Porque é por meio desse processo que os futuros professores adquirem e entram em contato com conhecimentos, competências e disposições, possibilitando-lhes “intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem” (GARCIA, 1999, p. 26).

Este processo formativo sugere um ato de (re) aprender a ensinar, num processo articulado entre teoria e prática e dependente de um contexto prático, sendo um processo contínuo de mudanças cognitivas (PACHECO; FLORES, 1999).

Ligado a este processo formativo encontra-se a atuação do professor formador, que se faz essencial por exercer a importante tarefa de ministrar as bases do conhecimento, fornecendo uma pluralidade de saberes, um repertório de atitudes e um conjunto de sentimentos e valores no que diz respeito à docência que procedem pelos desafios atribuídos ao professor polivalente, como por exemplo, ensinar ciências (ANDRÉ, et al, 2008).

Neste encaminhamento, a proposta deste trabalho foi conhecer quem é o docente que ocupa as escolas atuais da rede básica de ensino utilizando-se para isto, de uma amostra, bem como compreender suas ações e práticas pedagógicas, questionando-os por meio dos seguintes temas norteadores: O que se sabe sobre Contação de Histórias como recurso didático? Já utilizou a técnica? Quando? Em qual situação? Para trabalhar quais conceitos? Com que frequência utiliza? Por quê? O que pensa sobre esse recurso?

Nosso objetivo de pesquisa foi observar a contação de histórias enquanto recurso para o Ensino de Ciências, bem como identificar, analisar e ponderar quais os significados atribuídos pelos professores para esta técnica, sua frequência de uso e dificuldades encontradas para realização da atividade.

O presente relatório da pesquisa realizada foi organizado nas seguintes seções apresentadas abaixo:

O Capítulo “Contação de Histórias” apresentará o histórico da contação e sua utilização como recurso didático. Adiante, a seção “Contação de histórias no Ensino de Ciências” buscará apresentar o Ensino de Ciências como campo de pesquisa, ressaltando a importância desta modalidade de ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como a utilização da contação de histórias enquanto recurso para o Ensino de conteúdos Científicos.

O Capítulo seguinte intitulado “Metodologia e procedimento de coleta de dados” exibirá os objetivos desta pesquisa, dentre eles observação e análise da contação de histórias como recurso didático no ensino de ciências. Na sequência discorreremos sobre a metodologia, que se trata de uma pesquisa qualitativa, e os procedimentos de coleta de dados utilizados por meio de observações e entrevistas semiestruturadas para posterior análise.

O próximo Capítulo apresenta “Resultados e análise dos dados” relatando os resultados obtidos através das entrevistas iniciais e finais, e das observações das contações de histórias em sala de aula, realizadas pelas professoras da escola.

Em “Discussão dos resultados” discorrerá sobre os dados obtidos através dos procedimentos anteriores, relacionando-os às teorias pesquisadas, com o propósito de atingir os objetivos da atual pesquisa.

Por fim, traçamos em “Considerações Finais” algumas indicações e possibilidades a serem pensadas na contação de histórias como recurso didático no Ensino de Ciências nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

HISTÓRICO

Durante muito tempo o ato de contar histórias oralmente realizava-se nas reuniões ao redor das fogueiras, onde falava-se sobre lendas e contos, de forma que a cultura e costumes dos povos fossem passados para as demais gerações. De acordo com Malba Tahan (1966, p. 24) “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas.”. Tais lendas e contos pertenciam ao imaginário popular, destinados às pessoas que não sabiam ler, eram vistos como atividades dos simplórios, sendo assim rejeitada pela sociedade.

Tahan (1961) afirma que não se sabe precisamente quando a história contada teve início, porém estima-se que seu surgimento se deu junto à língua oral. De acordo com o autor, o homem percebeu que através da história era possível entreter e conquistar os ouvintes.

A pessoa que contava histórias era respeitada, em função do prazer que era propiciado pelas narrativas, histórias reais ou inventadas; desta atividade oral originou-se a literatura. A contação de histórias contribuiu para a disseminação das doutrinas religiosas budistas e também como tratamento psíquico na medicina hindu.

Segundo Coelho (2000):

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados. (COELHO, 2000, p. 16).

UTILIZAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO

A contação de histórias como estratégia pedagógica pode contribuir significativamente com a prática docente na educação infantil e ensino fundamental, conforme Souza (2007).

Além de educar e instruir, a contação de histórias contribui para o processo de ensino e aprendizagem. Coelho (2000) aponta que a criança aprende com o lúdico, jogos, brincadeiras e a história contada de forma agradável desperta o interesse do aluno para o aprendizado.

De acordo com Abramovich (2005):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 2005, p. 17)

A criança que é estimulada, através da ludicidade, desenvolve responsabilidade e autoexpressão, auxiliando-a na construção do seu conhecimento sobre o mundo. Quando trabalhada, desde a infância, a contação de histórias pode estimular a leitura, como também estimular a aprendizagem acerca da decodificação do código linguístico. Segundo Bamberger (1991, p. 10) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

Várias fontes de aprendizagens podem ser desfrutadas com as histórias, contribuindo desde o incentivo à leitura e escrita até a noção de valores e sentimentos vivenciados pelo ser humano, manifestados durante a escuta de uma história. Estas noções de valores possibilitam uma reflexão da criança sobre o convívio em sociedade.

Deste modo, o docente deve propiciar momentos de leitura a fim de estimular a formação de leitores e escritores buscando interação e ludicidade na literatura infantil. Conforme citado nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa) (1997):

Cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 30)

O RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Vol.3) afirma que o professor deve conservar:

“a intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando

a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.” (BRASIL, 1998, p. 143).

Bettelheim (1992) afirma que o professor que utiliza contos de fadas na sala de aula, conta com um precioso recurso da literatura infantil, podendo viabilizar a articulação entre os eixos propostos nos Referenciais Curriculares da Educação Infantil e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, as áreas do conhecimento, de maneira significativa e prazerosa para as crianças. O autor aponta que o conto de fadas antecede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo e por essa razão os contos são convincentes para ela.

De acordo com Bettelheim (1992) a contação de histórias é um dos instrumentos mais importantes que auxiliam na formação do indivíduo. Porém, pelo que se observa, atualmente esse método não é praticado no cotidiano escolar. E cada vez mais a contação de histórias se distancia do cotidiano das crianças.

Vemos que o lúdico estimula a criatividade da criança fortalecendo processos de interação e criação, contudo, o trabalho com a preservação do ambiente estreita a relação homem-natureza. Literaturas sobre educação ambiental oferecem oportunidades para explorar o estudo de ciências, defende Tahan (1966), a contação de histórias promove o enriquecimento de conhecimentos sobre animais, plantas, natureza, ciências e artes.

Ainda citando Tahan (1966, p. 142) “as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com o máximo de interesse e maior eficiência”. “É o exemplo do escritor Monteiro Lobato, que mostrou que até a aritmética, com seus cálculos e suas frações, pode ser aprendida sob a forma de história...” (TAHAN, 1966, p. 26).

Busatto (2005, p. 39) acrescenta que “as Ciências Naturais também serão favorecidas pelo conto, pois aqui pode-se pesquisar desde o ambiente onde este povo vive, até quem é esse povo, quais são seus hábitos, sejam eles alimentares, higiênicos, e como eles afetam este homem”.

A contação de histórias, para ter um bom resultado, deve ser realizada em um ambiente harmonioso, com um espaço físico adequado e aconchegante, de modo que o aluno se sinta confortável e interessado durante a contação. O professor ou contador precisa gesticular e expressar enfatizando os pensamentos, sentimentos e atitudes dos personagens, despertando a imaginação e sentimentos dos alunos, conforme aponta Abramovich (2005):

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar história é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 2005, p. 18).

O professor pode utilizar de alguns recursos para enriquecer a contação, tais como: personagens de fantoches, avental com velcro, baú com alguns objetos, podem auxiliar e estimular a compreensão e envolvimento durante a história.

De acordo com Abramovich (1991) o professor/contador de histórias necessita de alguns preparos:

1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo;
2. Conhecer detalhadamente a história que contará;
3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige;
4. Evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança;
5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler;
6. E por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

Como nota Busatto (2005), para que a contação seja bem sucedida, o narrador deve contar com o coração, de modo que se identifique com o conto e permita que o ouvinte também o faça. Acrescenta que “antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador” (BUSATTO, 2005, p. 47).

Deste ponto de vista, Busatto (2005) considera que:

O envolvimento afetivo com a história narrada permite maior flexibilidade ao narrador, pois ele poderá perceber como ela atua junto aos ouvintes, e assim conduzir a narrativa para que aquelas demandas sejam atendidas. Cada narrador imprime sua personalidade ao conto, priorizando passagens que mais lhe impressionam, reforçando alguma imagem que lhe toca de uma maneira especial, uma intenção que considera primordial, e isto é natural, se pensarmos na narrativa como uma atividade dinâmica que atua sobre os diferentes níveis de realidade. (BUSATTO, 2005, p. 48)

A postura corporal do narrador pode contribuir para a contação da história. O conto pode ser narrado sentado ou em pé, de modo que se sinta mais confortável, o importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, pois dessa forma o corpo se encontra mais flexível e a expressividade corporal transmite uma linguagem do corpo harmoniosa. Tais posturas externas estão relacionadas com a postura interna. “Ao se permitir internamente, fica mais fácil soltar o corpo, e estas são condições favoráveis à narrativa” (BUSATTO, 2005, p. 72).

2.1 Contação de Histórias no Ensino de Ciências

O ENSINO DE CIÊNCIAS COMO CAMPO DE PESQUISA

Devido a sua produção científica educacional, o Ensino de Ciências tornou-se conhecido no Brasil e também fora do país, consolidado através do Subprograma Educação para Ciência (PADCT/SPEC/CAPES), na década de 80.

O Ensino de Ciências carrega marcas da década de 60, decorrentes dos projetos curriculares internacionais e formulação de projetos brasileiros pela comunidade científica visando à melhoria do ensino (KRASILCHIK, 1987). Nos anos decorrentes, surgiram novas abordagens no Ensino de Ciências que consolidaram temáticas de pesquisas.

O autor Lemgruber (2000) aponta, no que diz respeito à produção científica:

(...) um movimento de superação do paradigma epistemológico empírico-indutivista característico dos projetos inovadores dos anos 60, com sua ênfase na vivência do método científico. Inicialmente, essa busca de superação se dá através de referenciais teóricos com base na psicologia cognitiva. Posteriormente, este movimento de superação se alarga, a partir de concepções epistemológicas históricas e culturais (LEMGRUBER, 2000, p. 27).

Abordando o ensino de ciências, a autora Máximo-Esteves (1998) sugere em seu livro o uso da “contação de história” como proposta de educação ambiental:

A história integra simultaneamente componentes espaciais, temporais, personagens, ações e até temas. Possui em si própria uma estrutura de integração global. Portanto é um processo facilitador da compreensão do significado das aprendizagens (MÁXIMO-ESTEVES, 1998, p. 143).

Em relação a contação de história no ensino de ciências, Zanetic (1998) discorre sobre a relação do imaginário e poético com a cientificidade, e defende “[...] a contribuição dos cientistas que produziram verdadeiras obras literárias, a fim de exemplificar sua utilidade em sala de aula, favorecendo não apenas o ensino de física, [...] mas qualquer outra área do conhecimento que deve ser processada na escola” (ZANETIC, 1998, p. 16-17).

As histórias podem ser usadas a fim de instigar a aprendizagem interdisciplinar, pois, segundo Hewllet (2010) elas oferecem

[...] oportunidades para os alunos fazerem conexões entre conceitos científicos e suas próprias experiências de vida, proporcionando um modelo de referência para fundamentar sua aprendizagem. As histórias representam um veículo para relacionar conceitos já conhecidos a novas ideias (HEWLLET, 2010, p. 125)

As histórias podem servir de recurso pedagógico, conforme estudo de Deus (2013, p.45)

[...] propomos o trabalho com as “contações de histórias problematizadoras” para o ensino de Astronomia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A terminologia “problematização”, empregada neste trabalho, é para designar os textos, por nós elaborados, e que trazem, em sua estrutura, uma situação fictícia vivida por personagens também fictícios, representada por meio de teatro de fantoches, de forma a conduzir o espectador, no caso, o aluno, a buscar uma solução para determinados problemas. O objetivo é incentivar os educandos a resolver problemas com que os próprios personagens da história se deparam no decorrer da narração.” (DEUS, 2013, p. 45)

A pesquisa de Deus (2013, p.47-48) visa “analisar a potencialidade das histórias problematizadoras como um recurso pedagógico para o ensino e o aprendizado de Astronomia”, pois é sabido que os alunos têm dificuldade em explicar fenômenos com o conhecimento científicos. Tal pesquisa traz a possibilidade da contação de histórias, como histórias problematizadoras, auxiliar na modificação dos conhecimentos sobre determinado conteúdo do ensino de ciências, a Astronomia (DEUS, 2013, p. 48).

O trabalho de Deus (2013) revela, em suas considerações finais, que os conhecimentos das crianças foram transformados para uma nova forma de compreensão da realidade. Diante de tais resultados, o estudo aponta que “[...] histórias problematizadoras como um recurso

pedagógico [...] propicia aos alunos a oportunidade de participarem da construção do seu próprio aprendizado” (DEUS, 2013, p. 110).

Desta forma, pode-se entender que diante da problemática sugerida nas histórias, a criança se sente desafiada a formar hipóteses e estender seus conhecimentos cotidianos.

Com embasamento nesse referencial didático, um segundo trabalho publicado na Revista da SBEnBio (2014) trata do mesmo recurso em questão, a contação de histórias, como meio de condução dos alunos à compreensão do conceito de seleção natural. O trabalho publicado na revista foi elaborado por alunos disciplina de Metodologia do Ensino em Zoologia da Universidade Federal de Lavras (UFLA), e tem como objetivo apresentar e avaliar o desenvolvimento desta prática pedagógica durante a disciplina. A disciplina de Metodologia do Ensino de Zoologia tinha como objetivo desenvolver, com os alunos, práticas de ensino de zoologia que não fossem convencionais e, a partir delas, discutir os principais aspectos da didática das ciências.

De acordo com o trabalho de Heitor, Anjos e Junior (2014):

Essa ferramenta tem como objetivo trabalhar tais conceitos de forma contextualizada, construtiva e, principalmente, sedutora. Somando-se aos benefícios da “Contação de História”, surge também a possibilidade dos trabalhos em grupo e momentos onde os alunos poderão expressar-se artisticamente através de desenhos. É importante ressaltar que a proposta pode ser adaptada para diferentes temas, contextos e faixas etárias (REVISTA DA SBENBIO, 2014, p. 866).

Quanto ao resultado do trabalho publicado na Revista da SBEnBio, pode-se perceber as contribuições que a contação de histórias como recurso didático, pois “ao somar-se benefícios como o do trabalho em grupo, conhecimentos prévios e arte, pode-se perceber um grande potencial para quebrar as barreiras referentes ao ensino e a aprendizagem dos conceitos ligados à Evolução Biológica” (REVISTA DA SBENBIO, 2014, p. 872).

Tal trabalho conclui ainda que

percebeu-se na “Contação de Histórias”, uma forma de instigar os alunos à criatividade e ao despertar da imaginação. Considera-se que nesse trabalho foi possível aproximar não só professor e aluno, mas também, o aluno do conhecimento, de forma lúdica interessante e menos conflitante do que as formas tradicionais. Sendo assim, a “Contação de Histórias” se reforça como uma estratégia pedagógica útil para auxiliar o professor na construção do conhecimento por parte dos alunos (REVISTA DA SBENBIO, 2014, p. 872).

O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Embora a evolução de pesquisas seja considerável, os docentes ainda possuem aspectos tradicionais de ensino e aprendizagem, sejam por carências na sua formação inicial ou até mesmo motivos políticos e econômicos da própria Educação. Essas carências durante a formação inicial acabam trazendo o sentimento de despreparo para ensinar ciências por parte do professor que decide utilizar de assuntos cotidianos (higiene, alimentação, etc.) conduzindo uma aula de forma mecânica (MENDES; TOSCANO, 2011).

Alguns autores recomendam elementos relevantes na formação dos professores. Delizoicov (2000) salienta a importância da competência, dos professores de Física, quanto aos conhecimentos específicos da disciplina e as contribuições da História e Filosofia da Ciência.

Em outros aspectos, alguns autores sugerem elementos necessários para a formação de professores de ciências. Para Gil Pérez e Carvalho (1995), de acordo com os resultados das pesquisas no Ensino de Ciências, os professores de Ciências deverão além de conhecer a matéria ensinada, conhecer e questionar o pensamento docente, adquirir conhecimentos teóricos sobre aprendizagem e aprendizagem em ciências, desenvolver uma crítica fundamentada no ensino habitual, saber preparar atividades, saber dirigir a atividade aos alunos, saber avaliar e utilizar a pesquisa e inovação.

De acordo com a pesquisa de Bastos e Nardi (2008), sobre a formação continuada de professores da Educação Infantil na área de Ensino de Ciências, findou que muitas das dificuldades vivenciadas e relatadas pelas docentes nos períodos de planejamento e condução das aulas estiveram atreladas à articulação entre teoria e prática.

Conforme esse autor foi possível perceber que as professoras tinham muitas lacunas e distorções em seus conhecimentos disciplinares. Dessa forma, as professoras podem encontrar obstáculos para que tomassem decisões importantes, como: quais conteúdos ensinar; como transpor o conhecimento científico em conhecimento escolar, adaptando-o ao nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos; de que maneira confrontar os questionamentos dos alunos nas várias modalidades de aulas: de apresentação do conteúdo, de discussão, de campo, aulas práticas, entre outras (BASTOS; NARDI, 2008).

A formação do professor de Ciências deve acompanhar no mínimo três dimensões: política, pedagógica e científica. Para isto, é imprescindível que os professores entendam, de acordo com Nóvoa (1995), o contexto ocupacional, a natureza do papel da profissão e que

possuam a competência profissional para ser professor. A apropriação da produção dos conhecimentos, desde o campo pedagógico até os específicos e suas articulações, também devem fazer parte da formação.

Em relação às atividades e os projetos de Ciências Naturais, com base nos PCNs (BRASIL, 1997), devem ser organizados para que os alunos ganhem progressivamente as capacidades de observar, registrar e identificar características; comunicar semelhanças e diferenças; estabelecer relações; reconhecer processos e etapas; realizar experimentos simples; utilizar características e propriedades de materiais, objetos, seres vivos para elaborar classificações; organizar, registrar e comunicar informações; formular perguntas e suposições sobre o assunto em estudo; e, ainda “valorizar atitudes e comportamentos favoráveis à saúde, em relação à alimentação e à higiene pessoal, desenvolvendo a responsabilidade no cuidado com o próprio corpo e com os espaços que habita” (BRASIL, 1997, p. 47).

Ainda com base nos PCNs, “nas classes de primeiro ciclo é possível a elaboração de algumas explicações objetivas e mais próximas da Ciência, de acordo com a idade e o amadurecimento dos alunos e sob influência do processo de aprendizagem” por isso as crianças utilizam um modo menos subjetivo e mais racional de explicar os acontecimentos e as coisas do mundo, embora explicações mágicas persistam (BRASIL, 1997, p. 45).

Desta forma torna-se visível o fato de que o processo de aprendizagem dos conhecimentos científicos envolvidos no ensino de Ciências Naturais é bastante complexo e envolve múltiplas dimensões, permitindo o desencadeamento de distintas ações cognitivas, tais como: manipulação de materiais, questionamento, direito ao tateamento e ao erro, observação, expressão e comunicação, verificação das hipóteses levantadas (ZANON; FREITAS, 2007).

Considerando a apropriação da faixa etária e objetivos propostos, os conteúdos apresentam especificidades considerando cada nível de ensino.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental as crianças acreditam que os fenômenos científicos e naturais são resultados de alguma finalidade humana. Além do mais, nesta fase o pensamento infantil ainda está fortemente atrelado à experiência pessoal e ao envolvimento direto da criança com o assunto e ultrapassar esses limites significa exceder a sua própria possibilidade biológica (FRACALANZA; AMARAL; GOUVEIA, 1987).

Lembram, ainda, que só entre os oito e os dez anos, quando “novas condições biológicas aliadas ao enriquecimento das experiências pessoais da criança tornam possível partir-se do vivido e chegar-se ao domínio do espaço e tempo percebido”, a criança mudará esse pensamento. Portanto, “nessa idade, a aprendizagem se dá em torno do vivido pela

criança, é fundamental que ela própria realize as observações sugeridas” (FRACALANZA; AMARAL; GOUVEIA, 1987, p. 69).

Contudo, as possibilidades de trabalho com conteúdos da área de Ciências Naturais são inúmeras. Isto porque, ao chegarem ao primeiro ano do Ensino Fundamental, tendo ou não frequentado a pré-escola, os alunos já apresentam grande repertório de representações e explicação da realidade, tais como o reconhecimento do próprio corpo, percepção do tempo e do espaço.

Os estudos de Campanario e Moya (1999) sobre como ensinar Ciências apontam que os estudantes não gostam de estudar essa disciplina. Buscando ultrapassar essa dificuldade os autores sugerem enfoques alternativos e diversificados para o Ensino de Ciências (e o abandono do modelo de ensino tradicional por transmissão de informação). Como sugestão de estratégias de ensino que possibilitem à aprendizagem significativa dos estudantes, os autores citam: a necessidade dos estudantes exercerem um papel ativo em sala de aula; a resolução de problemas como forma de assimilação dos conteúdos escolares pelos estudantes; o desenvolvimento das capacidades metacognitivas dos estudantes, além da produção de sequências de ações elaboradas pelos professores, com o intuito de propiciar a construção dos conhecimentos por parte dos estudantes e ainda, fazer com que se identifiquem com algumas características do trabalho científico.

Portanto, lembramos que é necessário o professor dispor de conhecimentos que interfiram de modo indireto e/ou direto no desenvolvimento da criança para a proposição de ações escolares reguladas nos conhecimentos científicos e capazes de superar práticas espontaneístas (MARTINS, 2011), possibilitando a relação entre o científico e o lúdico.

Algumas Instituições declaram que, nas disciplinas afins ao campo de ensino de Ciências, os objetivos, de acordo com os documentos oficiais, não estão sendo totalmente atingidos, apresentando uma divergência entre o que se pretende fazer e o que realmente parece ser feito durante a formação inicial (DUCATTI-SILVA, 2008).

Contudo, estas carências durante a formação inicial parecem originar o sentimento de despreparo para ensinar ciências por parte do professor, que prefere a utilização de assuntos cotidianos (higiene, alimentação, etc.) conduzindo uma aula de forma mecânica (MENDES; TOSCANO, 2011).

Para tanto Ducatti-Silva (2008) defende a necessidade da organização da grade curricular, sem engessamento das áreas de conhecimento, articulando prioritariamente, a disciplina de Metodologia de Ciência com Prática de ensino.

Sobre algumas necessidades formativas do professor de Ciências, que não são tão distintas dos pedagogos, Carvalho e Gil-Pérez (2009) apontam:

A ruptura com visões simplistas sobre o ensino de Ciências; Conhecer a matéria a ser ensinada, questionar as ideias docentes de ‘senso comum’ sobre o ensino e a aprendizagem de ciências, adquirir conhecimentos teóricos sobre a aprendizagem das Ciências; Saber analisar criticamente o ‘ensino tradicional’; saber preparar atividades capazes de gerar uma aprendizagem efetiva; saber dirigir o trabalho dos alunos; Saber avaliar; Adquirir a formação necessária para associar ensino e pesquisa didática (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2009, p.11).

Contudo, notamos que a formação inicial é um momento estratégico, no que diz respeito à aquisição de conhecimentos, competências e disposições para o ensino. Desta forma, a importância de se investigar as práticas do professor formador se dá, não só pelos conteúdos trabalhados, mas também as formas de trabalhá-los e os valores a eles associados vão constituir uma espécie de modelo para o futuro docente (ANDRÉ; PASSOS, 2008).

Levando em consideração a importância da relação entre aluno e professor no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvemos o presente estudo, que no próximo capítulo abordará a metodologia desta pesquisa qualitativa, como também os procedimentos de coleta de dados utilizados por meio de entrevistas e observações das contações de histórias.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.1 Objetivos da pesquisa

OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa teve como objetivo observar a contação de histórias enquanto recurso para o Ensino de Ciências, bem como identificar, analisar e ponderar quais os significados atribuídos pelos professores para esta técnica, sua frequência de uso e dificuldades encontradas para realização da atividade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Decorrente dessa experiência, buscamos concluir a viabilidade do recurso didático enquanto facilitador do processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.2 Metodologia da pesquisa

A metodologia desenvolvida neste trabalho baseou-se em pesquisa qualitativa por considerar que esta favorece a compreensão dos significados da realidade investigada (MINAYO, 1994), uma vez que neste tipo de pesquisa, a preocupação com o processo é maior do que o produto; o significado que as pessoas dão as coisas e a vida são focos de atenção especial pelo pesquisador e a análise de dados aproxima-se de um processo indutivo (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A observação ocorreu em uma instituição escolar da rede básica de ensino público, que possui 5 (cinco) salas de aula, atendendo o público do 1º (primeiro) ao 5º (quinto) ano do Ensino Fundamental. Foram elaboradas e realizadas 2 (duas) entrevistas. A entrevista inicial teve o intuito de identificar os docentes, suas concepções e práticas em relação à contação de histórias como recurso didático, e a entrevista final, baseada nos relatos dos docentes, buscou a análise dos resultados referentes à realização da prática em sala de aula.

A partir das entrevistas e das observações é possível compreender os resultados e viabilidade da prática. Segundo Bodgan e Biklen (1994 apud Lüdke e André, 2012, p.13) “a obtenção dos dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Para análise dos dados, optamos pela análise qualitativa, pois de acordo com Lüdke e André (2012, p.45) “significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista”.

De acordo com Goldenberg (1997):

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador (GOLDENBERG, 1997, p.53).

Além disso, segundo Lüdke e André (1986), as pesquisas qualitativas podem ser do tipo etnográfico ou de estudo de caso, sendo o último mais indicado à proposta metodológica deste trabalho, por se tratar de uma unidade dentro de um sistema mais amplo. “O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17).

Baseado em Lüdke e André (1986, p. 33), “ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados [...] Esta é, aliás, uma das

principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais”. Cabe ressaltar, que ela “[...] desempenha importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33).

Preferimos a entrevista semiestruturada, pois, como aponta Manzini (1990/1991), esse tipo de entrevista possibilita a obtenção de novas informações e respostas livres, sem uma padronização de alternativas. Lüdke e André (2012) consideram que as atuais pesquisas em educação abordam esquemas mais livres, menos estruturados. Contudo, “quando se pretende conhecer, por exemplo, a visão de uma professora sobre o processo de alfabetização [...] é melhor nos prepararmos para uma entrevista [...] com base em um roteiro, mas com grande flexibilidade” (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 35).

Em primeiro momento, foi feito um levantamento sobre as professoras correspondentes às classes, bem como os dados de formação, tempo de docência, e também as concepções e práticas relacionadas à contação de histórias (Apêndice). Optamos por não identificar os professores, portanto renomeamos por D1 (docente responsável pelo 1º ano) ao D5 (docente responsável pelo 5º ano). Nos deparamos com profissionais de diferentes tempos de atuação, uma que há 29 anos está em sala de aula, e outra com apenas 3 meses (na data em que a entrevista foi realizada, no início do ano letivo de 2014). Todas as docentes têm graduação em Pedagogia e são efetivas na escola pesquisada. As entrevistas foram feitas em períodos de “janelas”, onde os professores estão fora da sala de aula, cumprindo Atividades de Trabalho Pedagógico Livre (ATPL).

As entrevistas foram gravadas com a utilização de um gravador de áudio. Segundo Lüdke e André (1986, p. 37), esse equipamento “tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado”. Além da gravação, durante a realização da entrevista, foram feitas anotações em um bloco de papel.

Procuramos os temas da contação de acordo com o conteúdo que as professoras estavam trabalhando ou já haviam trabalhado, a fim de facilitar e possibilitar um método avaliativo em relação a esta prática.

Sobre a escolha do livro para a realização da contação, apenas a professora D5 escolheu o livro que gostaria de trabalhar aliado ao conteúdo que havia sido ensinado no final do bimestre. As demais pediram ajuda para a procura e escolha das histórias.

A realização da contação foi feita pelo professor titular da classe. Preferimos não intervir e apenas observar, para que os resultados, tal como a reação dos alunos, fossem naturais. Segundo Junker (1971 apud Lüdke e André, 2012, p. 29) “o “participante como

observador” não oculta totalmente suas atividades, [...] A preocupação é não deixar totalmente claro o que pretende, para não provocar muitas alterações no comportamento dos grupos observado.”

De acordo com Vianna (2003) é interessante para análise da observação a relação entre teoria e dados. A observação em uma pesquisa pretende suscitar novos conhecimentos e não necessariamente comprovar as teorias. Optamos pela observação semi-estruturada (pois trata de um contexto natural), aberta, não-participante, não-sistemática, e *in natura*.

Quanto ao registro dos dados procuramos descrever as situações da sala de aula, focalizando especialmente as falas, as atividades envolvidas e as reações das professoras e das crianças, buscando sempre separar as descrições de sua interpretação.

A entrevista final visou o relato dos professores quanto à contação, como também sua viabilidade, possibilidades e dificuldades decorrentes da execução da prática no Ensino de Ciências.

Além disso, durante as transcrições das entrevistas alguns erros gramaticais e de concordância foram corrigidos, já que estes não são de interesse ao nosso trabalho.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se ainda como um estudo de caso, o próximo capítulo apontará a análise a partir dos dados coletados durante a observação, somando-se a eles as entrevistas com os professores, para isso levamos em consideração o levantamento bibliográfico, realizado anterior a essa análise.

4 RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

4.1 Resultados das entrevistas

De acordo com os dados coletados, as cinco docentes entrevistadas possuem Ensino Superior, mais especificamente a licenciatura no curso de Pedagogia. As docentes D1 e D2 são graduadas pela UNESP Bauru, as docentes D3 e D4 não informaram a instituição, e a D5 é graduada pela UNOPAR. Todas as professoras são efetivas na escola.

Em relação ao que as docentes sabem sobre a contação de histórias como recurso didático, as professoras ressaltam que é um recurso facilitador na aprendizagem dos alunos.

Segundo a D5:

“Você pode usar a contação de histórias para trabalhar conceitos com eles, facilitar a utilização das matérias, a compreensão dos conteúdos, utilizando histórias que são corriqueiras do cotidiano para buscar novas histórias, novas informações para eles assimilarem o conteúdo.” (Docente 5, pesquisa de campo, 2015)

A docente D4 destaca que “é um recurso que se usava muito na pré-escola e se estendeu nas séries seguintes para ajudar a prender a atenção dos alunos”. No que diz respeito a unir a teoria e a prática, a D2 aponta que “é um recurso lúdico e atrativo. As crianças gostam muito! É um meio de prender a atenção delas, de modo a atingir os objetivos esperados de uma forma eficaz e significativa”. A docente D3 lembra a possibilidade do “encontro do imaginário com o real”, por meio da contação de histórias.

Questionadas sobre a utilização, bem como as situações e quais conceitos trabalhar com a contação de histórias, as docentes afirmam que utilizam desta técnica para aliar ao conteúdo abordado em sala. Conforme a docente D2:

“[...] utilizo histórias para trabalhar alguns conceitos. Uma vez, trabalhei com “os dez amigos” do Ziraldo, que falava sobre os dedinhos. Aproveitei para trabalhar adição e subtração, o início, com a turma do 2º ano. E outra vez, usei um avental pedagógico para explicar sobre o ciclo do mosquito da dengue. Foi uma experiência incrível, pois tive a devolutiva dos pais. Uma mãe me escreveu uma carta contando que o filho chegou em casa, recontou a história e foi visitar o quintal” (Docente D2, pesquisa de campo, 2015).

A docente D4 relata “[...] venho trabalhando em sala de aula, um conto por dia, mas sempre procurando gêneros diferentes. Não fica maçante e a criança aprende a escutar e diferenciar o gênero lido”.

Já a docente D5 explica que:

“Contaçõ de história em si não, a dramatizaçõ não. Mas pegar um livro e ler com eles, para conteúdo, sim. Para trabalhar os sentidos, estudando em ciências, com o segundo ano. Foi um livrinho que contava sobre os sentidos do ser humano” (Docente D5, pesquisa de campo, 2015).

Referente à frequência com que as docentes utilizam esse recurso e com qual finalidade, percebemos que a maioria das professoras possui o hábito de trabalhar com histórias na aprendizagem dos alunos, conforme a docente D1 aponta “Diariamente, pois sou professora de maternal e 1º ano. Como os alunos não leem ainda, eu conto histórias para desenvolver o hábito pela leitura e a imaginação”. As histórias são escolhidas, de acordo com a docente D4, “Dependendo do assunto, ou projetos que temos que desenvolver em sala, o gênero de leitura escolhido é mais destacado na semana. Por exemplo: contos de fábulas, temas de raça, etc.”. A docente D2 faz uma queixa:

“Gostaria de ter mais tempo para realizar esse tipo de atividade, pois requer um planejamento, um preparo específico. Como leciono em dois períodos, esse tipo de atividade muitas vezes acaba sendo deixado de lado. Porém, procuro todo bimestre fazer algo do tipo.” (Docente D2, pesquisa de campo, 2015).

Finalizando a entrevista, no que diz respeito à contaçõ de histórias como recurso didático e sua importância, a docente D4 enfatiza que:

“[...] a contaçõ de histórias não deve ser trabalhada como cobrança. O professor deve utilizá-la de uma maneira gostosa, que faça a criança se perceber dentro do assunto, da história e ela, por si só, expressar seus sentimentos e ideias. A criança que aprende a escutar vai se dar muito bem nas aulas de qualquer disciplina, e a sua criatividade nas produções de textos não terá limites” (Docente D4, pesquisa de campo, 2015).

A docente D5 faz uma crítica ao sistema apostilado da escola:

“Talvez seja até melhor do que a própria apostila que nós usamos. É uma forma de entendimento que você mistura, mescla a fantasia, mescla o conhecimento. Eles adquirem conhecimento sem perceber que estão estudando aquilo, então fica muito mais fácil de trabalhar, muito mais fácil de interagir, eles prestam mais atenção porque é a hora da história e eles já estão acostumados com a hora da história. Então dá para trabalhar muito bem com esse recurso sim, principalmente, em matérias como ciências, história e geografia” (Docente D5, pesquisa de campo, 2015).

Percebemos nos relatos das docentes que o suporte pedagógico da escola é fundamental para o ensino e aprendizagem, como revela a docente D2 “[...] se aqui na escola tivesse uma coordenadora para auxiliar, dar suporte pedagógico, providenciar recursos didáticos para esse tipo de atividade, seria muito mais fácil trabalhar com a contação de histórias”. Entretanto, a docente D3 evidencia que a contação de histórias “é um recurso didático indispensável para o trabalho do professor em suas aulas, como também a ludicidade e aprendizagem dos alunos”.

4.2 Resultados das observações

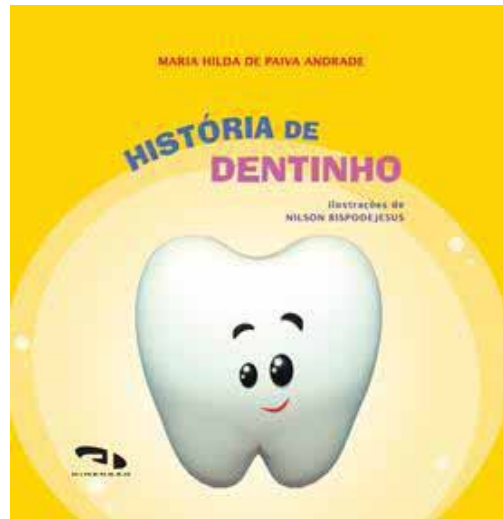
Após o levantamento dos dados demos início à observação da contação de histórias. A docente D5 foi a primeira a realizar a prática. Como ela já estava trabalhando saúde bucal com os alunos escolheu o livro “História de Dentinho” da autora Maria Hilda de Paiva Andrade.

CONTAÇÃO “HISTÓRIA DE DENTINHO”

Assim que eu entrei na classe do 5º ano, a Professora me apresentou, e explicou o porquê estava lá e qual a finalidade do trabalho. A docente introduziu o tema, fazendo a relação e revisando com os alunos sobre o conteúdo estudado, a dentição relacionada à saúde.

A professora posicionou-se frente à classe mostrando o livro (Figura 1), identificou o autor, e falou que iria contar a história e não somente ler. Um aluno questionou “contar?”, e a professora de forma sucinta explicou que o ato de contar é diferente de uma simples leitura de histórias.

Figura 1 – Capa do Livro “História de Dentina” – Maria Hilda de Paiva Andrade, 2011



Fonte: Elaborado pela autora.

O livro possui imagens grandes e em boa qualidade, com pouco texto embaixo. Juntamente com as imagens a professora introduziu conceitos específicos dos molares, posição na boca, quantidades de dentes existentes na boca.

Durante a contação, a docente indagou os alunos a palpitarem sobre a história “o que vocês acham que vai acontecer?” e a cada página diferente, os alunos se animavam e foram contribuindo para a descoberta da história. As crianças utilizaram-se do senso comum, quando a professora mostrou a página que possui um dente doente (Figura 2) e questionou “por que vocês acham que o dentinho está doente?”, então alguns alunos responderam “a menina não escova os dentes”, “ela come muito doce”. A docente aproveitou a oportunidade e relacionou com o “Cascão”, um personagem de gibis que gosta de sujeira.

Figura 2 – Página do Livro “Histórias de Dentina” – Maria Hilda de Paiva Andrade, 2011



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao desempenho docente D5 durante a contação utilizou-se de gestos, expressão corporal, trazendo liberdade em seus movimentos. Enquanto lia, sua fala possuía variações de voz e entonações mais precisas.

Ao mostrar as ilustrações contidas nos livros, a educadora se manteve frente à lousa, porém a todo instante, buscou o olhar das crianças, direcionando-as para o contexto da narrativa. Desta forma, as crianças intervinham em toda a história, completando as imagens e explicação da professora.

A Professora esclareceu de forma sucinta como é o procedimento dentário no consultório, contextualizando a “cárie” como doença comum entre as crianças, estabelecendo uma relação com o conteúdo e a rotina dos alunos.

Uma aluna sugeriu “tirar o dente” na parte do livro em que a menina foi ao dentista, e a professora enfatizou a importância de possuir todos os dentes saudáveis tanto na alimentação, trituração, hálito e estética do ser humano.

Os alunos utilizaram de termos informais, como “colocar massinha branca”, “massinha preta” e a professora, a toda oportunidade, revelou termos científicos, como no caso “o nome da massinha branca é resina”.

Ao final da história, a professora perguntou se a personagem da história aprendeu a lição, e a grande maioria dos alunos, simultaneamente, responderam um “sim” longo e enfático, e destacaram “escovar os dentes”, “passar fio dental”, “todo dia”.

Após o término da contação, a professora os questionou sobre a moral da história. A maioria das crianças respondeu sobre a importância de “escovar os dentes todos os dias”, “passar fio dental para não deixar a boca suja”, “não ter cárie, não doer e não ter bafo”. Uns alunos complementaram a fala dos outros. Em seguida, um aluno fez relação com o comercial de pasta dental “os dentes do comercial de pasta de dente são sempre brancos e bonitos né professora?”.

Neste momento os alunos dispersaram e tumultuaram a classe, falando todos juntos sobre suas vivências: “eu já tive cáries”, “eu fui na dentista semana passada”, “dói o dente”, “a minha massinha caiu uma vez.”.

A Professora retomou a atenção da sala e fez alguns questionamentos, como “todos aqui escovam os dentes?” e todos responderam que sim, “escovam sozinhos ou os pais mandam escovar?” alguns tomaram frente e já responderam que escovam sozinhos e outros alunos confessaram “minha mãe briga comigo pra mim escovar”.

Para finalizar, a professora frisou “ninguém tem dúvidas?” e um aluno levantou a mão para que pudesse falar “não entendi muito bem... essa gosminha (estava falando em relação ao

tártaro) que fica nos dentes, como se reproduz?”. A docente explicou “são os restos de alimentos que ficam entre os dentes se não escovarmos e nem passar fio dental”. Alguns alunos interromperam explicando que “são as bactérias e os fungos que se reproduzem”. A professora complementou fazendo uma relação com o conteúdo numa aula já dada anteriormente.

CONTAÇÃO “VERDURA? NÃO!”

A segunda contação realizada foi da Docente D2, responsável pelo 2º ano. Os alunos da classe já me conheciam, e então a professora chamou a atenção dos alunos e explicou o porquê estava na sala para ouvir a contação com eles. Enquanto mostrava o livro para a classe ela perguntou aos alunos qual o nome do livro. Eles demoraram um pouco e responderam juntos “Verdura, não!”.

A professora apresentou o livro enfatizando e fazendo entonações “Verdura? Não!” Aprendendo sobre nutrição, de Claire Llewellyn e Mike Gordon (Figura 3).

Figura 3 - Livro "Verdura? Não!" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2012



Fonte: Elaborado pela autora.

Um aluno já interrompeu “ela só quer saber de doce” e os colegas caem na risada. Então a professora começou a contar sobre a personagem que comia errado, e durante a

contação sempre mostrava as figuras do livro para a classe, de forma que eles participavam e davam opiniões sobre o que aconteceria na história. Logo a professora já os questionou “o que são as frutas?” e os alunos responderam que são comidas saudáveis.

Durante a história a professora falava, juntamente com o livro em mãos, sobre as comidas gordurosas da rotina dos alunos, “você gosta de comer salgadinho, doces, bolachas, não gosta?”, muitos responderam que gostam muito e até citam algumas marcas, relacionando o produto. A professora instigava os alunos a responderem com o intuito de fazer relação com a importância de comer de forma saudável, “comer coisas boas, que fazem bem pra saúde”.

Quando abordava sobre as comidas gordurosas no livro, a professora perguntou “nós podemos comer essas comidas?”, e eles responderam “só um pouquinho”. Durante a contação a professora explicou da facilidade e praticidade dos alimentos prontos, como salgadinhos, bolachas, e esclareceu “você podem comer essas coisas, mas em pouca quantidade, não pode comer só isso o dia todo!”. Os alunos interromperam e citaram mais exemplos das comidas vistas como prejudiciais: “hambúrguer”, “catchup”, “batatinha frita”.

Então a Raquel apareceu na história e os alunos adivinharam “ela trouxe a verdura”, e afirmaram “a Mônica vai ver ela comendo a verdura e vai gostar” (Figura 4).

Figura 4 - Página do Livro "Verdura? Não!" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2012



Fonte: Elaborado pela autora.

A Professora indagou “o que é comer bem?”, e os alunos responderam que é “comer saudável” (percebo que eles aliam as palavras frutas e verduras à palavra saudável).

Quando apareceu o refrigerante na história, os alunos já se exaltaram “vai ficar gorda” (Figura 5). E a Professora perguntou “o que poderia ser substituído pelo refrigerante? Para não fazer mal?” Alguns alunos diziam “suco”, “leite”, “água”.

Figura 5 - Página do Livro "Verdura? Não!" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2012



Fonte: Elaborado pela autora.

Seguindo a história, a Professora questionou “o que acontece com quem só come porcarias?”. Os alunos queriam responder todos juntos: “os dentes ficam com cárie”, “fica gordo”, “fica doente”. Então, a Professora retomou alguns conteúdos já ensinados como saúde e higiene bucal aliados à alimentação saudável.

Um aluno complementou “se não comer bem fica gordo e doente, parece uma bola”. Assim, a professora brevemente relembrou a importância das vitaminas, proteínas baseadas na alimentação: “A alimentação correta está aliada à saúde”.

A professora perguntou quem é igual à Raquel. Nisso vários levantaram a mão, e um começou a falar do outro, o que o colega comia de errado, etc. A professora aproveitou a situação e proporcionou um momento de reflexão: “Quem pensou que precisa se alimentar melhor?”. E em seguida, pediu um levantamento do que se fazer para ter uma vida saudável, e muitos responderam: “praticar esporte”, “escovar os dentes”, “usar roupa limpa”, “lavar as coisas”, “limpar a casa”, “usar fio dental”, “dormir bem”.

Finalizando a história, a professora anunciou que teríamos uma surpresa. Todos se animaram e ficaram alvoroçados. No início do período, em uma aula livre da professora, fizemos uma salada de frutas, para servir os alunos após a contação.

Colocamos em copinhos plásticos e servimos com a colher da merenda. A maioria adorou e queria mais até, porém alguns não comeram tudo porque não gostavam de uma fruta ou outra. Desafiamos os alunos a adivinharem quais frutas tinham na salada. Foi uma experiência válida, e no final, vários vieram agradecer e disseram que “vou fazer na minha casa”, “vou pedir pra minha mãe fazer”, “vou comer mais frutas”.

CONTAÇÃO “NA MINHA ESCOLA TODO MUNDO É IGUAL”

A contação seguinte foi realizada pela docente D1, professora do 1º ano. O Livro trabalhado foi “Na minha escola todo mundo é igual”, de Rossana Ramos. A Professora escolheu, pois achou interessante trabalhar com a diversidade, visto que os alunos se encontram numa fase de adaptação, início do Ensino Fundamental. A Professora, primeiramente, entregou uma folha sulfite para que cada aluno escreva seu nome, e também um “crachá de mesa” onde cada um tinha o respectivo nome do aluno, um lado com letra imprensa e o outro com letra cursiva. A Professora explicou que eles estão começando a trabalhar a letra cursiva, portanto, auxilia no desenvolvimento da escrita.

A Professora acreditou ser pertinente que esta folha sirva como forma de avaliação informal, pois farão um desenho do que entenderam e mais gostaram na história, de forma a contribuir para esta pesquisa.

A Professora chamou atenção para ouvirem a história e insistiu nas instruções para que ouvissem a história primeiramente, e só depois desenhassem (acredito que os alunos gostavam de desenhar, e na ansiedade, se perderiam no desenrolar da história).

Figura 6 – Capa do Livro "Na minha escola todo mundo é igual" – Rossana Ramos, 2010



Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentou o nome do livro, a capa e questionou diante das imagens “Olhem aqui... são todos iguais?” (Figura 6). Os alunos responderam “não”. A Professora conforme lia, mostrava o livro e as imagens para a classe.

Ela fazia algumas pausas mostrando as ilustrações, contextualizando com a realidade deles. Explicou que mesmo com alguma deficiência física podem praticar esportes e ter uma vida normal.

A professora gesticulava trabalhando com linguagem corporal durante a contação.

As crianças conforme foram observando as imagens citaram partes do corpo, por exemplo, “sem perna”, “sem braço” (Figura 13). Todo momento os alunos queriam ver as ilustrações, se admiraram com o menino na cadeira de rodas (Figuras 14 e 15). Um aluno interrompeu “tem uma menina nas Chiquititas que também usa cadeira de rodas”, e uma segunda aluna quis explicar o porquê ela usa a cadeira. Neste momento, todos se dispersaram com comentários sobre a novela.

A Professora chamou a atenção e continuou contando a história. Quando apareceu a palavra autista, ela indagou-os “você sabem o que é autismo?”, os alunos responderam que não sabiam. Portanto a professora aproveitou para introduzir conceitos juntamente com o livro “o autista gosta de ficar sozinho, mas mesmo assim divide o lanche com o amiguinho”, e completou “mesmo que ele goste de ficar no seu cantinho, ele é bonzinho”.

No decorrer da história, observo que eles se atentavam constantemente nas ilustrações, perguntavam, falavam o que gostavam.

Um aluno perguntou “e o menino da música que está de óculos?”, em seguida a professora explicou que o personagem é cego “ele não enxerga mas mesmo assim ele ouve e pode cantar normalmente” trazendo normalidade para as situações apresentadas no livro. Outro aluno interferiu dizendo “minha irmã também usa óculos”, então a professora explorou a questão dos sentidos, visão, audição e também linguagem.

Na próxima página em uma parte o livro falava que cada um aprende de forma diferente, a Professora ressaltou “um ajuda o outro” (Figura 7). Um aluno comentou “mas não pode ficar em cima do outro”, então percebo que possa ser uma reprodução do que a professora impõe para manter a disciplina durante as aulas.

Figura 7 - Página do Livro "Na minha escola todo mundo é igual" " – Rossana Ramos, 2010



Fonte: Elaborado pela autora.

Seguindo a história, a Professora interrogou “você sabem o que é preconceito?”, e eles também responderam que não. Ela discorreu brevemente sobre a questão “quando não conhecemos uma pessoa e não queremos conversar, não gostamos dela sem ao menos conhecer”.

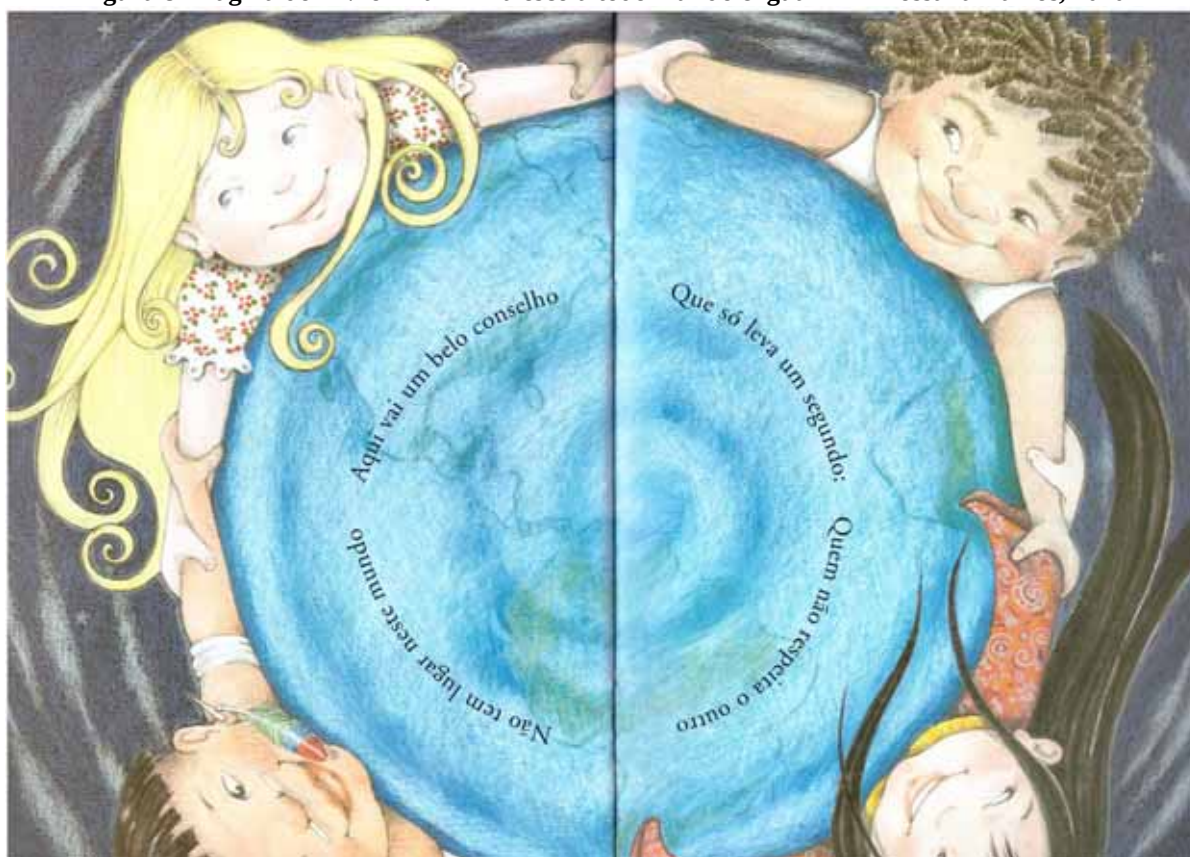
Diante de uma das ilustrações onde o livro traz o mundo (Figura 8), vários quiseram ver a imagem, então a professora discursou sobre a convivência “todos vivemos juntos, por isso estão em volta abraçando o mundo”.

Os alunos ficaram encantados com a imagem, pois vários fizeram esse desenho, como pode ser observado nas imagens abaixo (Figuras 9,10,11,12).

Finalizando a história, a professora retomou a mensagem do livro e concluiu “devemos conviver bem, ajudando e respeitando uns aos outros”. Em seguida, se animaram para desenhar.

Pude observar que eles prestavam mais atenção às imagens, o interesse nos desenhos do livro era nítido.

Figura 8 - Página do Livro "Na minha escola todo mundo é igual" " – Rossana Ramos, 2010



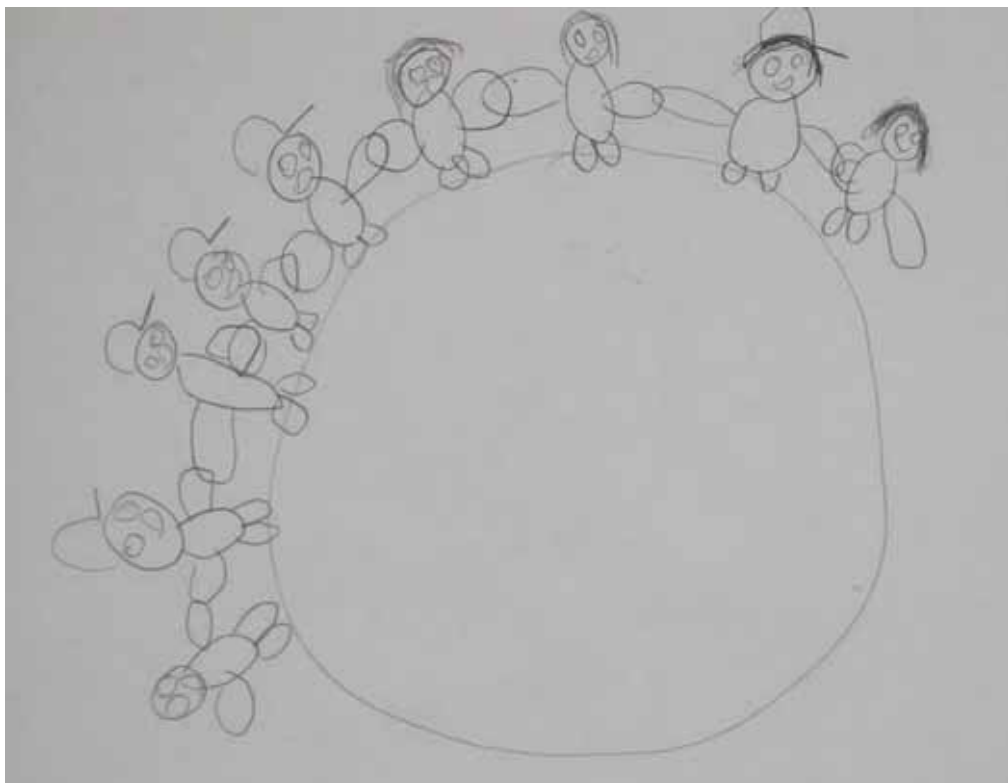
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9 - Desenho feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 10 - Desenho feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 11 - Desenho feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 12 - Desenho feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se observar a representação nos desenhos das crianças relacionada a algumas partes da história, conforme as imagens abaixo:

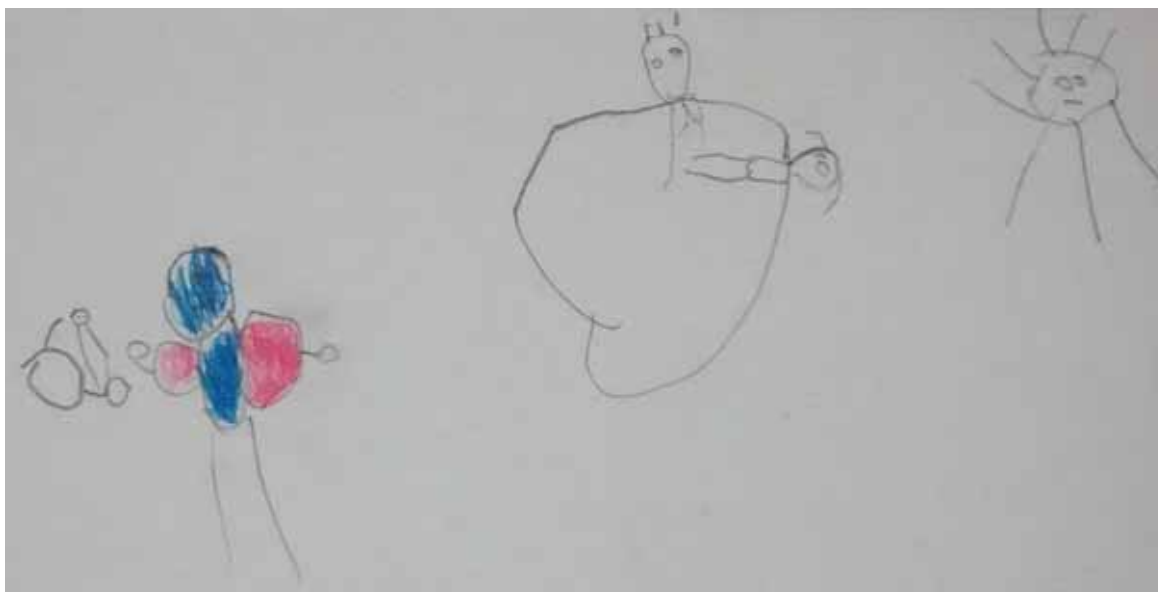
Figura 13 - Desenhos feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se que a criança fez a representação da imagem do livro onde as crianças aparecem sem braços.

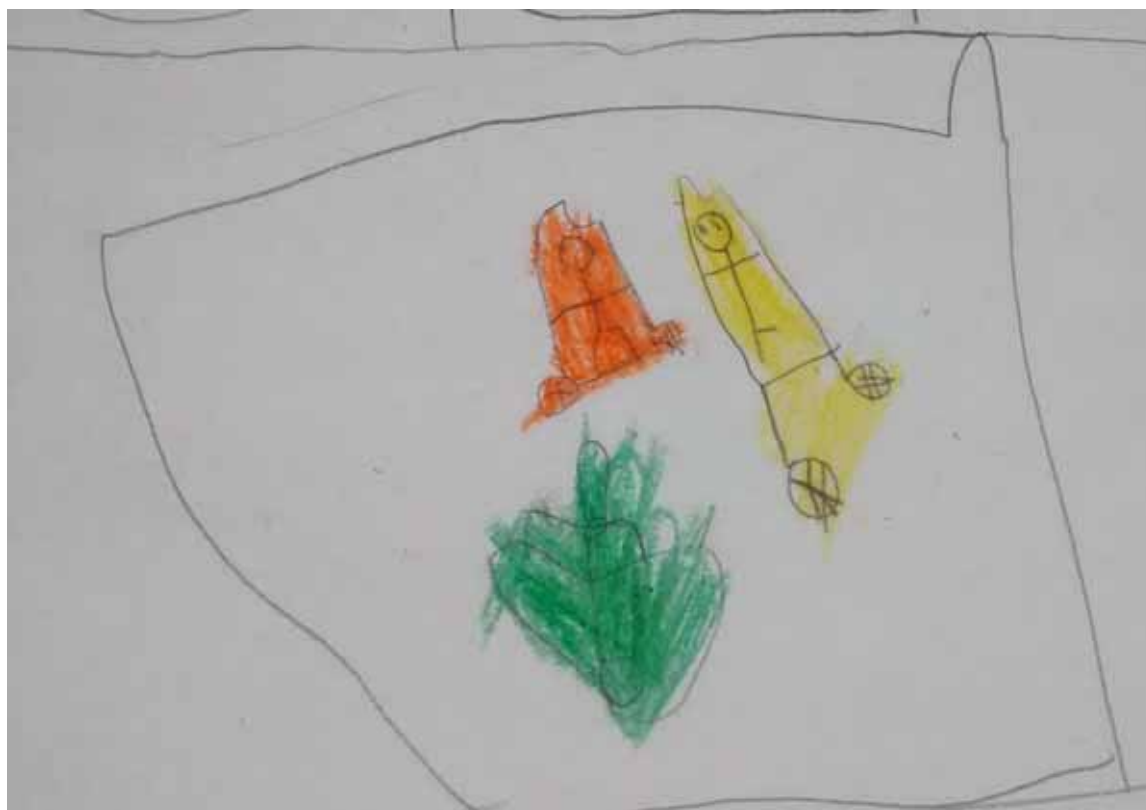
Figura 14 - Desenhos feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Na imagem acima o aluno mostra para a professora a cadeira de rodas desenhada à esquerda. Já no desenho abaixo a criança fez somente as crianças nas cadeiras de roda.

Figura 15 - Desenhos feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 16 - Desenhos feitos pelos alunos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Neste desenho podemos perceber que o aluno fez uma criança sem o tronco, somente com cabeças e pernas, simbolizando uma deficiência física. Vimos também que a maioria das

crianças, em seus desenhos, possuem noção de lateralidade, como também representam o sol em cima da folha, e no caso da imagem acima a criança fez a grama no chão do desenho.

CONTAÇÃO “ESTOU EM FORMA?”

A contação seguinte foi realizada no 3º ano. A professora D3 chamou atenção dos alunos para o início da contação, e explicou o porquê eu estava na sala para ouvir a história junto com eles.

A professora mostrou a capa do livro e perguntou se eles sabiam do que se tratava o livro. Os alunos, bem tímidos, demoraram um pouco para responder, e um perguntou meio receoso “fala sobre as comidas?”. Acredito que esta pergunta foi em relação à imagem da capa do livro (Figura 17).

Figura 17 - Capa do Livro "Estou em forma?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2011



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora completou “Isso mesmo... estão vendo o quanto de comida tem no colo dele?” e então as crianças começaram a falar “ele come muito”, “ele gosta de doces”, “o cachorro também gosta de doces”. A professora resgatou questões que foram trabalhadas em sala “O que a gente aprendeu sobre a alimentação?” de forma que instigasse os alunos a

responderem sobre o que tinham estudado em sala, eles responderam “que a gente tem que comer direito”, “que não pode comer só doces”, “que tem que comer arroz e feijão”. A professora concordou com eles e seguiu a história. “Olhem o nome do livro: “Estou em forma?” O livro fala sobre nutrição, que é comer bem, e sobre atividade física. Vocês gostam de atividade física?”, e então os alunos ficaram animados e tumultuaram a sala “eu gosto”, “sim”, “nós vamos brincar?”. A professora aproveitou e abordou alguns conceitos sobre atividades físicas, como a importância de movimentar o corpo para o bem-estar.

Em seguida, a professora continuou contando a história introduzindo alguns conteúdos conforme as páginas do livro, sobre a importância da alimentação para uma vida saudável, para crescer, “podemos comer todo tipo de alimento, só que tem alguns que se a gente comer muito faz mal, tem outros que se a gente comer pouco ficamos doente”, a professora explicou sobre alguns alimentos conforme é mostrado no livro (Figura 18).

Figura 18 - Página do Livro "Estou em forma?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2011



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora aproveitou para relembrar e discutir sobre a importância da água, “Pessoal, a gente precisa muito da água, né? Pra que ela é tão importante pra gente?”, desta forma os alunos queriam falar todos juntos “para beber”, “para lavar as comidas”, “para tomar banho”, “para lavar a roupa”, e a professora instigou “isso, e tem mais uma coisa que precisa muito da água, quem sabe o que é?”. Os alunos ficaram pensativos e receosos de responder, a

professora deu uma dica “a gente precisa de água para regar...” e então eles responderam “a horta”, “as frutas”, desta forma a professora fez uma relação com o contexto em que a maioria das crianças da sala se encontram, pois moram em áreas rurais. Esse assunto resultou muitos comentários por parte dos alunos, visto que todos queriam contar o que tinha na plantação perto ou na sua casa, “meu pai tem uma horta grandona”, “no sítio tem pé de manga, goiaba e jabuticaba”, “meu pai e minha mãe plantam verduras”.

Após muitos comentários e trocas de informações, a professora deu sequência à história, “o que acontece com quem come muito doce?” de modo que a maioria das crianças falam “fica com cárie”, “fica gordo”, “fica doente”, conforme observaram a imagem do livro (Figura 19).

Figura 19 - Página do Livro "Estou em forma?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2011



Fonte: Elaborado pela autora.

Na sequência a professora chamou a atenção para uma questão importante, “olhem essa página... Olhem sobre o que a autora fala” (Figura 20) e mostrou o livro de um lado para o outro da sala para que todos pudessem observar. A professora questionou a diferença entre as pessoas, “o que faz bem pra um pode não fazer bem para o outro. Tem pessoas que não podem beber leite de vaca”, e as crianças falavam “minha mãe não pode comer doce, porque ela tem diabetes”, “a minha vó também não”, “eu já tive dor de dente comendo bala”. Após uma breve troca de experiências, a professora continuou a história.

Figura 20 - Página do Livro "Estou em forma?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2011



Fonte: Elaborado pela autora.

Nas próximas páginas, que falavam sobre a prática da educação física, a professora introduziu alguns conceitos sobre os benefícios da prática ao corpo humano (Figura 21). As crianças ficaram animadas em contar o que elas faziam na atividade física “eu gosto de futebol”, “eu gosto de brincar de pega-pega”, “eu gosto de amarelinha”, e assim por diante foram contando das atividades que faziam.

Figura 21 - Página do Livro "Estou em forma?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2011



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora complementou que os exercícios físicos ajudam no crescimento, a desenvolver as partes do corpo, ajuda a crescer forte e saudável, e também melhora a circulação do sangue.

Finalizando a história, a professora retomou os principais conteúdos que foram abordados durante a leitura e enfatizou a questão dos benefícios das atividades físicas para o corpo humano, visto que a próxima aula era de educação física com o professor especialista (Figura 22).

Figura 22 - Página do Livro "Estou em forma?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2012



Fonte: Elaborado pela autora.

CONTAÇÃO “POR QUE DEVO ME LAVAR?”

A última contação foi realizada com o 4º ano, a Docente D4 utilizou o livro “Por que devo me lavar?” aprendendo sobre Higiene Pessoal, dos autores Claire Llewellyn e Mike Gordon.

Conforme as outras observações, a professora explicou que eu iria ouvir a história junto com os alunos, pois precisava fazer um trabalho.

Apresentou a capa do livro (Figura 23) e questionou “Vocês sabem sobre o que o livro fala?”, e muitos alunos responderam “sobre tomar banho”.

Figura 23 - Capa do Livro "Por que devo me lavar?" - - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2002



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora deu início à leitura contando “como é gostoso estar sempre limpinho, num lugar limpo e cheiroso, não é?! ” conforme ia mostrando as páginas do livro. Percebo que ela foi cautelosa em algumas palavras, visto que a maioria das crianças da escola, moram em sítios e assentamentos, é compreensível que se sujem no caminho percorrido até a escola.

A professora explicou que enquanto eles eram bebês os pais cuidavam direitinho, mas agora que já estão grandes essa responsabilidade é deles, e mostrou as páginas do livro que abordam essa temática (Figura 24).

Figura 24 - Página do Livro "Por que devo me lavar?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2002



Fonte: Elaborado pela autora.

Os alunos pareciam dar satisfações “eu tomo banho”, “eu gosto de tomar banho”. Então, a professora continuou a história e explicou a importância da higiene pessoal, “Temos que tomar banho todos os dias para remover as células mortas do nosso corpo, da mesma forma que escovamos os dentes para eliminar os restos de comidas, e também passamos o fio dental para tirar as comidas que ficam escondidas entre os dentes” (Figura 25), utilizando de alguns conceitos científicos.

Figura 25 - Página do Livro "Por que devo me lavar?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2002



Fonte: Elaborado pela autora.

Na página seguinte, a personagem questiona “o que são germes?” e a professora fez o mesmo questionamento na sala “Vocês sabem o que são germes?”. Muitos levantaram as mãos e foram falando “são bichinhos que ficam na sujeira”, “são bactérias”, “eles ficam na mão se não lavar”. A professora sempre introduzia termos e conceitos científicos na explicação juntamente com termos que os alunos entendem “os germes são pequenos seres vivos. Tão pequenos que precisamos de microscópios para vê-los. Eles Podem viver em plantas, animais ou pessoas. Quando entram no nosso corpo, ficam por muito tempo e consomem alimentos e energia do nosso organismo. Alguns produzem toxinas, que são como venenos, que podem nos causar doenças”.

A professora perguntou “Alguém sabe quais doenças eles podem transmitir?”, e os alunos ficaram quietos por um momento, então um deles levantou a mão “a minha mãe falou

que se não lavar a mão pega verme”. A professora confirmou e então virou a página, que explicava melhor por meio das imagens (Figura 26).

Figura 26 - Páginas do Livro "Por que devo me lavar?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2002



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora explicou “os germes são seres vivos, então eles se reproduzem. Se a gente encostar num lugar que está infectado e colocar a mão na boca, por exemplo, eles irão se reproduzir na boca e podem espalhar pelo resto do corpo. Por isso é tão importante lavar as mãos” e mostra as imagens do livro (Figura 27).

Figura 27 - Páginas do Livro "Por que devo me lavar?" - Claire Llewellyn e Mike Gordon, 2002



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao observarem a imagem os alunos começaram a falar “ah... é por isso que a gente tem que lavar a mão quando vai no banheiro, né?”, “quando vai comer também”, “é.... para não contaminar a comida”. Diante dos comentários a professora fez associação das falas dos alunos com os conteúdos ministrados em aula.

E na finalização da história, a professora relembrou a importância da higiene pessoal para o bem-estar e para o convívio com a sociedade, concluindo questionou os alunos sobre a higiene pessoal, e obtivemos várias respostas “precisamos lavar bem as mãos”, “lavar os alimentos”, “tem que escovar os dentes”, e vale ressaltar a fala de uma aluna “se cada um fizer a sua parte, teremos menos doenças”.

Contudo, entendemos que a contação de histórias serve como facilitador do aprendizado, trabalhando através do lúdico e baseado nas experiências vividas pelas crianças, a assimilação do conteúdo se dá de forma descontraída e prazerosa.

O próximo capítulo trata-se da discussão dos resultados que foram obtidos através dos dados fornecidos pelos professores e observados através da realização das contações de histórias.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados coletados através das entrevistas e observações durante a pesquisa foram de extrema importância e originou resultados apropriados para entendermos a importância da contação de histórias como recurso didático no ensino de ciências.

Durante a pesquisa pudemos observar vários aspectos mencionados pelos teóricos citados por este trabalho. De acordo com Abramovich (2005, p.17) “através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos [...] É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo [...]”.

No decorrer do período de observação, comprovamos que a prática da leitura em voz alta é a mais utilizada para a transmissão de histórias. Essa prática é executada diariamente pela maioria das professoras no início das aulas, como observa-se na fala da docente D4 “[...] venho trabalhando em sala de aula, um conto por dia, mas sempre procurando gêneros diferentes. Não fica maçante e a criança aprende a escutar e diferenciar o gênero lido”.

A narração oral, valendo-se somente da memória, da voz, da expressão corporal e sem o auxílio do livro, praticamente inexistente no ambiente escolar. Percebemos que o motivo de não realizarem tal prática, se dá pela falta de suporte pedagógico, visto que não há coordenadora pedagógica na escola, somente diretora, conforme relata Docente D2 “[...] se aqui na escola tivesse uma coordenadora para auxiliar, dar suporte pedagógico, providenciar recursos didáticos para esse tipo de atividade, seria muito mais fácil trabalhar com a contação de histórias”.

Durante a narração oral das educadoras observadas, nos atentamos ao fato das docentes não utilizarem outra técnica, senão a com o auxílio do livro, contudo observamos que se dedicaram na entrega à história através de gestos, entonações e variações de voz durante a leitura o que segundo Busatto (2005) é fundamental para que a contação seja bem sucedida; o narrador deve contar com emoção, de modo que se identifique com o conto e permita que o ouvinte também o faça.

As professoras, enquanto liam também mostravam as ilustrações. No entanto, na maioria das vezes, a visualização das imagens não contemplava a sala toda. Essa situação pode ser explicada pelo fato de, na maioria das vezes, as docentes permanecerem em pé, na frente da lousa, não percorrendo com o livro nos corredores, entre as fileiras de carteiras, onde estão os alunos. Além disso, a disposição das carteiras dificultava as investidas das

educadoras em se aproximar dos estudantes. Desse modo, tornava-se evidente um distanciamento entre o livro, sua história e o ouvinte e, assim, os últimos alunos das fileiras não necessariamente conseguiram estabelecer um vínculo com os demais elementos dessa leitura em voz alta.

A oralidade foi estimulada pelas docentes durante e ao final de cada história por meio de questionamentos, sendo isso um fator positivo. Ao contextualizar as narrativas, as docentes permitiram a inserção das crianças nos assuntos tratados pelas tramas, possibilitando a esses relacionar tais temas ao seu cotidiano; deste modo os docentes realizaram suas tarefas conforme citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997):

Cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 30)

As docentes utilizaram de frases indicativas ou as frases de encantamento, que indicam que a história está prestes a começar ou finalizar e, que pontuam as narrativas e caracterizam os contadores de histórias. Seus gestos e expressão corporal, condizentes com as histórias, ressaltavam as passagens do texto narrado, de forma a estimular, através da ludicidade, desenvolver responsabilidade e auto expressão, auxiliando-as na construção do seu conhecimento sobre o mundo.

Em relação às observações das contações, pudemos analisar que esta prática é um processo facilitador da compreensão do significado das aprendizagens, como aponta a autora Máximo-Esteves (1998). De acordo com algumas falas dos alunos do 5º ano no que diz respeito à saúde bucal, tais como “escovar os dentes todos os dias”, “passar fio dental para não deixar a boca suja”, “não ter cárie, não doer e não ter bafo”, como também a assimilação dos conteúdos científicos baseados em experiências vividas por eles, como: “eu já tive cáries”, “eu fui na dentista semana passada”, “dói o dente”, “a minha massinha caiu uma vez.”. Cabe ressaltar que “as histórias representam um veículo para relacionar conceitos já conhecidos a novas ideias” (HEWLLET, 2010, p. 125).

Esta prática é positiva, pois de acordo com Busatto (2005, p. 39) as Ciências Naturais também serão favorecidas pelo conto, pois permite ao professor conhecer melhor seus alunos, “quais são seus hábitos, sejam eles alimentares, higiênicos, e como eles afetam este homem”.

Ainda fazendo uma relação com a ideia de Busatto (2005, p. 39) podemos observar a assimilação de tais conteúdos também nas falas dos alunos do 2º ano, diante do questionamento da professora em relação a quem não possui uma alimentação saudável, disseram que “os dentes ficam com cárie”, “se não comer bem fica gordo e doente, parece uma bola”. Porém quando questionados sobre quais atitudes deve-se ter para uma vida saudável responderam “praticar esporte”, “escovar os dentes”, “usar roupa limpa”, “lavar as coisas”, “limpar a casa”, “usar fio dental”, “dormir bem”.

Desta forma consideramos válido o posicionamento de Hewllet (2010, p. 125), sobre as contações de histórias na aprendizagem interdisciplinar, pois oferecem “oportunidades para os alunos fazerem conexões entre conceitos científicos e suas próprias experiências de vida, proporcionando um modelo de referência para fundamentar sua aprendizagem”.

Não podemos deixar de citar como referência no estudo da contação de histórias como recurso didático, o trabalho publicado na Revista da SBEnBio, onde “foi possível aproximar não só professor e aluno, mas também, o aluno do conhecimento, de forma lúdica interessante e menos conflitante do que as formas tradicionais” (REVISTA DA SBENBIO, 2014, p. 872), contribuindo de forma significativa para a análise dos resultados obtidos através observações relatadas nesta pesquisa.

Ainda seguindo a publicação da Revista, de forma que “a “Contação de Histórias” se reforça como uma estratégia pedagógica útil para auxiliar o professor na construção do conhecimento por parte dos alunos” (REVISTA DA SBENBIO, 2014, p. 872), também contribui para este trabalho conforme as colocações dos alunos em relação ao conceito de diversidade nas falas “sem perna”, “sem braço”, “tem uma menina nas Chiquititas que também usa cadeira de rodas”, “minha irmã também usa óculos”.

Desta forma, pode-se entender que diante da problemática sugerida nas histórias, a criança se sente desafiada a formar hipóteses e estender seus conhecimentos cotidianos.

Para esses docentes, o contar histórias em ambiente escolar é visto como algo de extrema importância já que as crianças gostam muito, porém, a falta de um conhecimento mais apurado sobre assunto, principalmente no que diz respeito às técnicas, ao repertório de histórias para cada faixa etária, o “como contar” e o domínio dos conteúdos científicos ainda causam inquietações.

Podemos perceber também que o docente, em sua atuação de professor formador polivalente encontra dificuldades em ministrar as bases do conhecimento, fornecer pluralidade de saberes, atitudes e um conjunto de sentimentos e valores (ANDRÉ, 2008).

É importante lembrar a necessidade de que o professor disponha de conhecimentos que interfiram de modo indireto e/ou direto no desenvolvimento da criança para a proposição de ações escolares reguladas nos conhecimentos científicos e capazes de superar práticas espontaneístas (MARTINS, 2011), possibilitando a relação entre o científico e o lúdico.

Cabe lembrar que, algumas carências durante a formação inicial, podem originar o sentimento de despreparo para ensinar ciências por parte do professor, que prefere a utilização de assuntos cotidianos (higiene, alimentação, etc.) conduzindo uma aula de forma mecânica (MENDES; TOSCANO, 2011).

Desta forma, consideramos que a técnica da contação de histórias como recurso didático pode facilitar o processo de ensino e aprendizagem no ensinar Ciências, de acordo com o relato final da Docente D5 “[...] os assuntos relacionados às ações do cotidiano geram ótimos cenários de aprendizagem. Ao trazer o conteúdo para a vivência ele se torna muito mais real e útil. As crianças se envolvem sem exigir muito esforço do professor, por que é algo que eles entendem e se interessam[...]” (Docente D5, pesquisa de campo, 2015).

Vale ressaltar a fala da Docente D2 sobre a viabilidade deste recurso didático “Acredito que a aprendizagem acontece de maneira eficaz quando o conhecimento é aliado à prática, quando se junta a teoria e a prática. Com a contação de histórias foi possível abordar alguns conceitos, que tinham sido trabalhados em sala, na teoria [...]” (Docente D2, pesquisa de campo, 2015).

Portanto, pode-se concluir que a contação de histórias é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, em vários aspectos, como também utilizar-se desta técnica como recurso didático, pois de acordo com a Docente D4 “[...] vem a favorecer em tudo, você pode ensinar Português, Matemática, História e principalmente Ciências, porque são conteúdos que fazem parte da vida deles [...]” (Docente D4, pesquisa de campo, 2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de nosso estudo, propomos refletir sobre como a contação de histórias é desenvolvida e conduzida no cotidiano escolar, levando em consideração a rotina de 5 (cinco) professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ademais, pretendemos com nossa pesquisa compreender se essa prática serve como recurso didático no Ensino de Ciências.

A partir de nosso trabalho, foi possível evidenciar que na escola existe um contar apoiado na leitura, mais especificamente, na leitura em voz alta. Esta prática se torna o principal veículo transmissor das mais diversas histórias e conteúdos. Os dados transcritos das observações comprovam isso.

Apreendemos que a leitura em voz alta, quando bem feita, ou seja, utilizando-se de elementos da contação de histórias, torna-se um momento pleno de prazer, de arte, de estética, que estabelece vínculo com os ouvintes e, narrador e platéia usufruem da experiência da unidade.

Para justificar e afirmar nossas reflexões e argumentos, apoiamo-nos, além da teoria pertinente ao nosso objeto de pesquisa, nos dados coletados durante as observações, bem como nos dados coletados nas entrevistas com as docentes.

Acreditamos que o ato de contar histórias está intimamente ligado com o ensinamento por parte do lúdico, visto que interpretar, narrar, vivenciar, estabelecer um vínculo afetivo com o seu ouvinte, faz com que a história significativa para que seja possível compreender os conteúdos do Ensino de Ciências de forma agradável e prazerosa.

Contudo, vamos resgatar resumidamente a trajetória de nosso estudo na tentativa de compreender e identificar a assimilação do conteúdo, que acontece por meio de histórias, sejam elas lidas em voz alta ou contadas.

No Capítulo I, “Introdução”, trouxemos o histórico da contação e sua utilização como recurso didático, breve apresentação o Ensino de Ciências, ressaltando a importância desta modalidade de ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como também a utilização da contação de histórias enquanto recurso para o Ensino de conteúdos científicos.

No Capítulo II, “A contação de histórias” revelou apontamentos, feitos por esses teóricos, permitiram-nos compreender os princípios do ato de contar histórias bem como a sua prática escolar nos dias de hoje. Nesse sentido, os contadores contemporâneos que, no caso, também podemos considerar os professores em sala de aula, apóiam-se muito mais na leitura

e na escrita como base, para a escolha de seus repertórios atrelados aos conteúdos abordados em sala de aula. Também discorreu sobre o Ensino de Ciências como campo de pesquisa, e a prática nos anos iniciais pelos pedagogos.

No Capítulo III, discorreu a metodologia da pesquisa, tratamos do objeto de pesquisa em si. Inseridas no contexto da sala de aula, pudemos identificar e refletir sobre as observações foram essenciais à conclusão de nossa pesquisa.

O Capítulo IV descreveu os resultados e análises dos dados obtidos fundamentados através das teorias apresentadas nos capítulos anteriores, as quais comprovam a viabilidade da contação de histórias enquanto recurso didático facilitador de aprendizagens, visto que nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o importante é que a criança tenha noções básicas dos conteúdos científicos que possibilite o desenvolvimento de tais conteúdos nos anos finais.

Por fim, acreditamos que cumprimos nossa função, ou seja, a de promover uma reflexão e discussão sobre um tema que cada vez mais se torna evidente no contexto da sala de aula e, por isso, é essencial que direcionemos os olhares para esta questão: a contação de histórias no ambiente escolar como um recurso didático. Esta prática pode auxiliar na compreensão dos conteúdos do Ensino de Ciências, como também estimular a formação da criança leitora. Entendemos também que para um resultado plenamente satisfatório é fundamental a formação inicial e continuada do professor atuante. Assim sendo, esta pesquisa é uma pequena parcela de um todo que ainda precisa ser investigado e estudado com afinco.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione; 1991.

_____. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione; 2005.

ANDRÉ, Marli. Tendências da pesquisa e do conhecimento didático no início dos anos 2000. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: Didática e formação de professores. **XV ENDIPE**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2008. [487-499]

ANDRÉ, M. E. D. A. ; PASSOS, L. F. Professor formador, mestre modelo?. In.: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31. 2008, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2008. p. 01-06

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.

BASTOS, F.; NARDI, R. (Orgs.). **Formação de professores e práticas pedagógicas no ensino de Ciências**. São Paulo, SP: Escrituras Editora, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil** Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução: M. J. Alvarez, S. B. Santos e T. M. Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CAMPANÁRIO, J. M.; MOYA, A. ¿Cómo enseñar ciencias? Principales tendencias y propuestas. **Enseñanza de las Ciencias**, Barcelona, v. 17, n. 2, p. 179-192, 1999.

CARVALHO, A. M.; GIL-PÉREZ, D. **Formação de professores de Ciências**. São Paulo: Cortez, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil, teoria, análise, didática**. 1ª ed. – São Paulo. Moderna, 2000.

DELIZOICOV, D. **Formação inicial do professor de Física**. Educação em Foco: Revista de Educação, v. 5, n. 1, p. 73-84, mar./set. 2000.

DEUS, Mariana F. **As contações de histórias problematizadoras no ensino de astronomia no 2º ano do ensino fundamental: entrelaçando fantasia e conhecimentos**. Dissertação (Mestrado). Uberlândia – MG, 2013.

DUCATTI-SILVA, K. C. A Formação no curso de Pedagogia: Metodologia para o Ensino de Ciências. In: CAPELLINI, V. L. M; MANZONI, R. M. **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo Educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

FRACALANZA, H.; AMARAL, I. A.; GOUVEIA, M. S. F. **O ensino de Ciências no Primeiro Grau**. São Paulo: Atual, 1987. 124 p.

GARCIA, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GIL-PÉREZ, D.; CARVALHO, A. M. P. **Formação de Professores de Ciências**. São Paulo: Cortez, 1995.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HEWLETT, C. A ciência das histórias. In: WAROL, H.; RODEN, J.; HEWLETT, C.; FOREMAN, J. **Ensino de Ciências**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 125-138.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo de ciências no 1º grau**. São Paulo: Atual, 1987.

LEMGRUBER, M. S. **Um Panorama da Educação em Ciências**. Educação em Foco: Revista de Educação, v. 5, n. 1, p. 11-28, mar./set. 2000.

LIMA, M.E.C.C.; MAUÉS, E; Uma releitura do papel da professora das séries iniciais no desenvolvimento e aprendizagem de ciências das crianças. **Revista Ensaio**. Vol. 8, n.2. 2006

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

_____. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARANDINO, M. **O Ensino de Ciências na Perspectiva da Didática Crítica**. 1994. Dissertação (Mestrado) - PUC, Rio de Janeiro.

MARTINS, L. M. A Educação Infantil e o Ensino Fundamental de nove anos: metodologias de ensino. In: Pinho, S. Z. (Org). **Formação de educadores**: Dilemas Contemporâneos. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MÁXIMO-ESTEVES, Lídia. **Da Teoria à Prática**: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda., 1998.

MENDES, J. S. B.; TOSCANO, C. O ensino de Ciências nos anos iniciais: um estudo com acadêmicas de Pedagogia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. X. Curitiba PUCPR. Nov. 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PACHECO, José A.; FLORES, Maria Assunção. **Formação e avaliação de professores**. Porto: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, A. **O Passado e o Presente dos Professores**. In: Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1995. p. 13-34.

SBenBio. **Revista da SBEnBio**. A “contação de história” como ferramenta pedagógica no ensino da evolução biológica e seleção natural. Número 7 - Outubro, 2014. Disponível em: <<http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0525-1.pdf>>

SOUZA, M. A. **Educação de jovens e adultos**. Curitiba: IBPEX, 2007.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

_____. **A arte de ler e contar histórias**. 5 ed., Rio de Janeiro: Conquista. 1966.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VILLANI, A; FREITAS, D. **Análise de uma experiência didática na formação de professores de ciências**. Investigações em Ensino de Ciências, 3(2), 121-142.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZANETIC, João. **Literatura e Cultura Científica**. In: Linguagens, Leituras e Ensino de Ciências. Maria José P. M. Almeida & Henrique César da Silva (Orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

ZANON, D. A. V.; FREITAS, D. A aula de Ciências nas séries iniciais do Ensino Fundamental: ações que favorecem a sua aprendizagem. **Ciências & Cognição**. v. 10, 2007. p. 93-103.

ZIMMERMAN, E.; EVANGELISTA, P. C. Q. Pedagogos e o ensino de física nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Bras. Ens. Fís.**, v. 24, n. 2, p. 261-280, ago. 2007.

APÊNDICE

O roteiro da identificação, entrevistas iniciais e finais elaborados.

Identificação

Nome:

Formação:

Tempo de docência:

Entrevista Inicial

- 1.O que sabe sobre contação de histórias como recurso didático?
2. Já utilizou a técnica? Quando? Em qual situação? Para trabalhar quais conceitos?
3. Com que frequência utiliza? Por quê?
- 4.O que pensa sobre esse recurso?

Entrevista Final

Relato da experiência (Docente):

- 1.Qual a viabilidade da prática como recurso didático?
- 2.Quais os limites e possibilidades da técnica?
- 3.Quais as dificuldades encontradas para realização da atividade?
- 4.Quais as reações dos alunos?

ANEXOS

Os Quadros abaixo são compostos das respostas dos docentes participantes, às quatro questões trazidas pela entrevista inicial. Dados que poderiam identificar as instituições e/ ou docentes e dados que não correspondiam às questões solicitadas foram adaptados ou suprimidos.

Quadro 1 – Respostas das docentes referentes à questão 01 da entrevista inicial.

Questão 01	
Docente	O que sabe sobre Contação de Histórias como recurso didático?
D1	É um ótimo recurso para ser usado na sala de aula com qualquer faixa etária, pois pode trabalhar diversos conceitos e abordar diferentes temas através da contação de histórias.
D2	Considero um recurso lúdico e atrativo. As crianças gostam muito! É um meio de prender a atenção delas, de modo a atingir os objetivos esperados de uma forma eficaz e significativa.
D3	A Contação de histórias é um recurso didático que enriquece as aulas, possibilitando aos alunos o encontro do imaginário com o real.
D4	A contação de histórias já é um recurso que se usava muito na pré-escola e se estendeu nas séries seguintes para ajudar a prender a atenção dos alunos. Com o objetivo de despertar a criatividade e aprender a ouvir
D5	Você pode usar a contação de histórias para trabalhar conceitos com eles, facilitar a utilização das matérias, a compreensão dos conteúdos, utilizando histórias que são corriqueiras do cotidiano para buscar novas histórias, novas informações para eles assimilarem o conteúdo.

Quadro 2 – Respostas das docentes referentes à questão 02 da entrevista inicial.

Questão 02	
Docente	Já utilizou a técnica? Quando? Em qual situação? Para trabalhar quais conceitos?
D1	Sim, principalmente com educação infantil ou 1º e 2º anos do ensino fundamental, para desenvolver a atenção, a imaginação e o gosto pela leitura. Já usei para trabalhar a estrutura de textos, como contos e fábulas, e para trabalhar valores.
D2	Sim. Às vezes utilizo histórias para trabalhar alguns conceitos. Uma vez, trabalhei com “os dez amigos” do Ziraldo, que falava sobre os dedinhos. Aproveitei para trabalhar adição e subtração, o início, com a turma do 2º ano. E outra vez, usei um avental pedagógico para explicar sobre o ciclo do mosquito da dengue. Foi uma experiência incrível, pois tive a devolutiva dos pais. Uma mãe me escreveu uma carta contando que o filho chegou em casa, recontou a história e foi visitar o quintal.
D3	Sim. O ato de contar histórias se faz presente em minhas aulas, nas duas classes em que leciono, como “leitura diária”, é um momento em que objetiva a apreciação de diferentes histórias. Utilizo também em análises de textos bem escritos e momentos de reescrita de histórias.
D4	Desde 2008 venho trabalhando em sala de aula, um conto por dia, mas sempre procurando gêneros diferentes. Não fica maçante e a criança aprende a escutar e diferenciar o gênero lido.
D5	Contação de história em si não, a dramatização não. Mas pegar um livro e ler com eles para conteúdo sim. Para trabalhar os sentidos, estudando em ciências, com o segundo ano. Foi um livrinho que contava sobre os sentidos do ser humano.

Quadro 3 – Respostas das docentes referentes à questão 03 da entrevista inicial.

Questão 03	
Docente	Com que frequência utiliza? Por quê?
D1	Diariamente, pois sou professora de maternal e 1º ano. Como os alunos não leem ainda, eu conto histórias para desenvolver o hábito pela leitura e a imaginação.
D2	Gostaria de ter mais tempo para realizar esse tipo de atividade, pois requer um planejamento, um preparo específico. Como leciono em dois períodos, esse tipo de atividade muitas vezes acaba sendo deixado de lado. Porém, procuro todo bimestre fazer algo do tipo.
D3	Diária. Deve fazer parte da rotina de trabalho, lembrando a importância do planejamento e preparação das aulas.
D4	Dependendo do assunto, ou projetos que temos que desenvolver em sala, o gênero de leitura escolhido é mais destacado na semana. Por exemplo: contos de fábulas, temas de raça, etc.
D5	No meu caso foi só uma vez, mas eu acho que toda vez que tem um conteúdo trabalhado com histórias que possibilitam esse elo, facilita muito mais a compreensão deles.

Quadro 4 – Respostas das docentes referentes à questão 04 da entrevista inicial.

Questão 04	
Docente	O que pensa sobre esse recurso?
D1	Acho um recurso muito importante e que deve ser utilizado sempre, principalmente com alunos mais novos.
D2	Penso que é um ótimo recurso. Se aqui na escola tivesse uma coordenadora para auxiliar, dar suporte pedagógico, providenciar recursos didáticos para esse tipo de atividade, seria muito mais fácil trabalhar com a contação de histórias.
D3	É um recurso didático indispensável para o trabalho do professor em suas aulas, como também a ludicidade e aprendizagem dos alunos.
D4	Acredito que a contação de histórias não deve ser trabalhada como cobrança. O professor deve utiliza-la de uma maneira gostosa, que faça a criança se perceber dentro do assunto, da história e ela, por si só, expressar seus sentimentos e idéias. A criança que aprende a escutar vai se dar muito bem nas aulas de qualquer disciplina, e a sua criatividade nas produções de textos não terá limites.
D5	Talvez seja até melhor do que a própria apostila que nós usamos. É uma forma de entendimento que você mistura, mescla a fantasia, mescla o conhecimento. Eles adquirem conhecimento sem perceber que estão estudando aquilo, então fica muito mais fácil de trabalhar, muito mais fácil de interagir, eles prestam mais atenção porque é a hora da história e eles já estão acostumados com a hora da história. Então dá para trabalhar muito bem com esse recurso sim, principalmente, em matérias como ciências, história e geografia.

Os Quadros abaixo correspondem às entrevistas finais feitas com as professoras em relação à realização da prática de contação de histórias.

Quadro 5 – Respostas das docentes referentes à questão 01 da entrevista final.

Questão 01	
Docente	Qual a viabilidade da prática como recurso didático?
D1	A contação de histórias facilita o ensino de ciências por ser um recurso interdisciplinar, dá para trabalhar diversas temáticas. É interessante trabalhar com as histórias porque você consegue puxar o aluno pra realidade, quando você trabalha com as histórias os alunos interagem melhor, contam as coisas que acontecem com eles, e isso no 1º ano é muito importante, pois eles desenvolvem uma noção básica, para depois, nos próximos anos aprenderem os conteúdos mais científicos.
D2	Acredito que a aprendizagem acontece de maneira eficaz quando o conhecimento é aliado à prática, quando se junta a teoria e a prática. Com a contação de histórias foi possível abordar alguns conceitos, que tinham sido trabalhados em sala, na teoria. Eles fazem essa associação de forma natural, sem saber que estão fazendo. É viável trabalhar em sala porque eles entendem ao pensar no próprio cotidiano. Quando a criança se põe no lugar, ou na história, ela pensa como faria, e acaba fazendo a relação, na maioria das vezes, com o seu dia-a-dia.
D3	A história é fundamental na vida das crianças. É um instrumento facilitador para aprendizagem, pois nessa fase ela proporciona alegria, imaginação e os fatores necessários para o desenvolvimento cognitivo das crianças. As histórias trazem grandes avanços com relação à leitura e a escrita e também aumentam o repertório de ideias para relato e ilustração, percebe-se o avanço. Mesmo quando a criança não é alfabetizada a leitura que o professor faz em sala de aula estimula a criança em seu desenvolvimento, os textos e as imagens também são formas de fazer com que a criança decifra cada palavra dentro do seu processo de aprendizagem.
D4	É fantástico porque você leva a criança a viver no mundo da imaginação onde a prioridade é que a criança crie, sonhe. A história é um dos maiores recursos didáticos que vêm a favorecer em tudo, você pode ensinar português, matemática, história e principalmente ciências, porque são conteúdos que fazem parte da vida deles, todos se alimentam, tomam banho, ficam doente. Então é fácil trabalhar tais

	questões por meio de histórias, porque eles entendem e se divertem ao mesmo tempo.
D5	Todos os assuntos relacionados às ações do cotidiano geram ótimos cenários de aprendizagem. Ao trazer o conteúdo para a vivência ele se torna muito mais real e útil. As crianças se envolvem sem exigir muito esforço do professor, por que é algo que eles entendem e se interessam. Acredito que quanto mais próximo da realidade do aluno, melhor sua compreensão e assimilação do que foi ensinado. No caso do 5º ano, o livro sobre os problemas de má escovação veio de encontro com o conteúdo que acabava de ser estudado - Sistema Digestório - além de utilizar os conhecimentos prévios e possibilitar a aquisição de novos conceitos sobre o assunto.

Quadro 6 – Respostas das docentes referentes à questão 02 da entrevista final.

Questão 02	
Docente	Quais os limites e possibilidades da técnica?
D1	No 1º ano o que limita essa prática é o fato de eles serem muito pequenos, ainda não tem tanto contato com a leitura, e não estão acostumados com o ritmo da escola. A leitura é um pouco difícil pra mim porque eles ficam muito alvoroçados e querem levantar do lugar, atrapalhando a história. Porém a contação de histórias é uma ferramenta que você pode ensinar várias coisas, tanto trabalhar a alfabetização nas séries iniciais, como a familiarização com os números na matemática, tem bastante temas para aprofundar.
D2	O limite que eu sinto em praticar a contação de histórias em sala de aula é pela carga de trabalhos que eu devo cumprir. Como dou aula em dois períodos, a sobrecarga é muito grande, não consigo desenvolver algum projeto de leitura, ou mesmo trabalhar com a contação mesmo, utilizar fantoches, personagens de E.V.A. Porém existem várias possibilidades da prática, porque eu trabalho com leituras de livros diariamente, a leitura em voz alta mostrando o livro para eles, e já percebo a evolução dos alunos a cada história. Eles se sentem mais à vontade e relembram de alguns personagens quando fazem associação do conteúdo em sala.
D3	Eu tenho dificuldade sobre as técnicas da contação de histórias, porque além de planejar a atividade, você precisa dominar a linguagem do livro, e também preparar os materiais para ajudar na contação. Eu trabalho com a leitura diária, com diversas histórias. Mas também dá para trabalhar conteúdos específicos, além da linguagem oral e escrita.
D4	Não vejo limites para esta técnica, venho trabalhando com leitura diariamente há alguns anos. A contação de histórias proporciona um ambiente lúdico e prazeroso, onde a criança aprende diante dos problemas ou situações que se encontram nas histórias. Essa relação com a leitura ajuda na oralidade, no desenvolvimento da linguagem, na formação do leitor.
D5	Um dos limites encontrados foi a falta de higiene geral das crianças, a falta do hábito de escovar os dentes e até mesmo a falta de recursos financeiros para comprar o que é necessário para essa ação. E a intenção ao realizar a atividade foi despertar o interesse e chamar a atenção para a necessidade de se ter hábitos saudáveis e eficazes de higiene e alimentação

Quadro 7 – Respostas das docentes referentes à questão 03 da entrevista final.

Questão 03	
Docente	Quais as dificuldades encontradas para a realização da atividade?
D1	Tive um pouco de dificuldade em manter as crianças atentas à história, porque eles se dispersam muito com as imagens.
D2	Não tive dificuldades na leitura do livro, consegui fazer a classe interagir e prestar atenção na história.
D3	Não encontrei dificuldades, sempre faço a leitura de livros com eles, já temos o hábito.
D4	Não tenho dificuldades com essas atividades, não sei se é porque eu estou familiarizada com a técnica, trabalho em uma sala de leitura no período da tarde, então não encontrei dificuldades.
D5	Não houve dificuldade, o recurso utilizado era bastante simples, um livro sobre o assunto abordado.

Quadro 8 – Respostas das docentes referentes à questão 04 da entrevista final.

Questão 04	
Docente	Quais foram as reações dos alunos?
D1	Eles ficaram bem animados com a história e estavam loucos para desenhar a história. Achei bem legais os desenhos, percebi que eles trataram o tema da diversidade de forma natural, muitos desenharam crianças deficientes, do jeito deles, desenharam cadeiras de rodas.
D2	Eles adoraram, ainda mais com a salada de frutas no final. Alguns não comeram tudo, mas em compensação os que gostaram queriam comer o do colega que não queria. Foi uma experiência válida, porque eles associaram com os conteúdos ensinados nas aulas, sobre alimentação saudável.
D3	Foi bem interessante, eles ficaram animados com o tema da história trabalhada, ainda mais porque foram pra educação física após a contação. Foi interessante porque pudemos trabalhar questões do cotidiano deles, sobre a alimentação, o cultivo, e também sobre as atividades físicas que eles gostam de fazer.
D4	Eles gostaram muito da história, participaram e contribuíram muito para o intuito da contação, que é ajudar no aprendizado. O tema foi escolhido após trabalhar alguns conceitos de higiene pessoal, e é indicado para a classe pois são crianças pequenas ainda, que moram em áreas rurais próximas à escola, mas que já devem saber os princípios básicos de higiene pessoal.
D5	Todos participaram bastante, tiraram dúvidas, saciando a curiosidade, demonstrando bastante interesse sobre o assunto e acolhendo muito bem a responsável pelo acompanhamento da atividade.